

# Manual de Vulnerabilidade Climática e Análise da Capacidade (VCAC)

## Handbook





# Manual de Vulnerabilidade Climática e Análise da Capacidade (VCAC)

## Handbook







# Foreword



**Prof. Robert Chambers**  
**Pesquisador Associado**  
**Instituto de Estudos de Desenvolvimento**  
**Universidade de Sussex, Reino Unido**

A mudança climática já produziu impacto em inúmeras comunidades expondo-as a riscos cada vez maiores e tornando-as mais vulneráveis. Podemos esperar que isto se torne mais evidente, e para algumas comunidades catastrófico nos próximos anos. De forma a planear acções de adaptação eficazes, é essencial uma análise científica da mudança climática para um contexto amplo. No entanto, com frequência, a informação e os conhecimentos mais relevantes já existem ao nível local ou podem ser gerados através da própria análise dos interessados (*“stakeholders”*). O saber local tem também uma autoridade digna de crédito para informar e influenciar as políticas.

Assim, este Manual, que apresenta uma nova metodologia participativa para a Vulnerabilidade Climática e Análise da Capacidade é muito actual. A sua ênfase no nível da comunidade é bem definida e benéfica. Chama a atenção para o facto de as comunidades não serem homogéneas e sublinha a necessidade de dar especial atenção aos que correm um risco maior e são menos capazes de se adaptar, especialmente as mulheres e os marginalizados. Trata-se de facilitar a análise da vulnerabilidade e da capacidade de adaptação pelos próprios membros da comunidade. Agindo desta forma, ele usa valores, processos e métodos participativos, permitindo que as pessoas locais articulem e aumentem os seus próprios conhecimentos e entendimento de modo a planear a acção. É baseado na premissa frequentemente confirmada de que *“eles conseguem fazer”* – que as pessoas locais têm conhecimentos e capacidades maiores do que aquelas que frequentemente os profissionais vindos de fora acreditam que existam.

Este manual é claro e prático. É objectivo ao salientar a importância do empoderamento e da facilitação sensível: para tal o comportamento e as atitudes dos facilitadores são factores chave bem como a sua capacidade de partilhar (*“handover the stick”*). É valioso como guia e fonte de ideias para os trabalhadores de campo. Foi concebido como um documento vivo que se amplamente usado, actualizado e desenvolvido com base nas experiências dará uma contribuição cada vez maior. Que os seus efeitos positivos sejam multiplicados. Que seja usado para que aqueles que tão facilmente são ignorados, cujas vidas, meios de subsistência e comunidades inteiras são ameaçados pela mudança climática venham a estar mais habilitados para se adaptarem às mudanças que têm de enfrentar.

# Agradecimentos

Preparado por Angie-Dazé, Kais Ambrose e Charles Ehrhart

© Direitos de Autor CARE

1ª Edição

Maio de 2009

Foto da Capa por Valenda Campbell/CARE

A CARE autoriza todas as organizações não lucrativas a reproduzir este trabalho no todo ou em parte. A seguinte informação deve estar bem patente em qualquer reprodução: “Manual de Vulnerabilidade Climática e Análise da Capacidade” © 2009 por CARE Internacional. Uso autorizado.

O Manual pode ser baixado (*downloaded*) do website da mudança climática da CARE em <http://www.careclimatechange.org/cvca>.

O Manual VCAC é um documento vivo. Por favor retorne informação e sugestões para [cvca@careclimatechange.org](mailto:cvca@careclimatechange.org). Ficaríamos particularmente satisfeitos de tomar conhecimento das suas experiências com o uso do Manual e sugestões para o seu melhoramento.

Os autores gostariam de agradecer aos seguintes colegas da CARE por providenciar informação útil e sugestões para tornar este Manual mais relevante para os actores do desenvolvimento: Cynthia Awuor, Shafiqul Islam, Amilcar Lucas, Marcos Athias-Neto, Richard Paterson, Morten Fauerby Thomsen, Julie Webb, and Nguyen Thi Yen. Estamos gratos a Sam Boardley (CHF – Parceiros no Desenvolvimento Rural), Gina Castillo (Oxfam América), Anne Hammill (Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável), Mark Janz (Visão Mundial Internacional), Mary Morris (Visão Mundial Internacional), Kimberly Rafuse (Cruz Vermelha do Canadá), e Tom Tanner (Instituto para Estudos de Desenvolvimento) pelas sugestões úteis.

Durante os testes de campo, foram dadas contribuições valiosas pelo pessoal da CARE, organizações parceiras e membros da comunidade no Ghana, Níger e Nepal. Estes colaboradores são demasiado numerosos para serem nomeados um a um, mas esperamos que este produto final reflecta os seus pontos de vista e vá de encontro às suas expectativas.

# Índice

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
Sobre a Metodologia Vulnerabilidade Climática e Análise da Capacidade (VCAC) .....	2
O que é que a VCAC tem de novo e diferente? .....	2
A quem se destina este Manual? .....	3
Como usar o Manual VCAC? .....	4
O que é que a VCAC não fará .....	4
<b>Conceitos Chaves</b> .....	<b>5</b>
Mudança Climática .....	5
Vulnerabilidade à Mudança Climática .....	5
Capacidade de Resistência .....	6
Adaptação à Mudança Climática .....	7
<b>O Processo VCAC</b> .....	<b>9</b>
Um Quadro para Adaptação com Base na Comunidade .....	9
VCAC: Onde e Quando? .....	11
Determinar a Abrangência e a Profundidade da Análise .....	11
Constituir a Equipa .....	12
Equilibrar Pesquisa com Aprendizagem .....	12
<b>Fazer a Análise</b> .....	<b>13</b>
Nível Nacional .....	13
Nível do Governo Local/ Da Comunidade O Processo VCAC .....	16
Nível da Família/Indivíduo .....	18
Compilar e Analisar a Informação .....	20
Validar a Análise .....	20
Documentar e Disseminar a Análise .....	21
<b>Usar a Análise</b> .....	<b>23</b>
Advocacia de Adaptação .....	23
Integrar a Adaptação em Projectos de Desenvolvimento .....	23
Projectos de Adaptação com Base na Comunidade .....	24
Pesquisa Adicional .....	28
<b>Guias de Campo para Instrumentos Participativos</b> .....	<b>29</b>
GUIA DE CAMPO 1: Sugestões para Facilitação .....	30
GUIA DE CAMPO 2: Mapeamento de Perigos .....	33
GUIA DE CAMPO 3: Calendário Sazonal .....	35
GUIA DE CAMPO 4: Barra Cronológica Histórica .....	37
A DE CAMPO 5: Matriz de Vulnerabilidade .....	39
GUIA DE CAMPO 6: Venn .....	41

# Lista de Acrónimos

ABC	Adaptação com Base na Comunidade
ABD	Abordagens Baseadas nos Direitos
APA	Aprendizagem Participativa para a Acção
AVC	Avaliação da Vulnerabilidade e Capacidade
CIDA	Agência Canadiana para o Desenvolvimento Internacional (Canadian International Development Agency)
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentos (Food and Agriculture Organisation of the United Nations)
FEWS-NET	Sistema de Aviso Prévio da Fome – Rede (Famine Early Warning System Network)
GF	Grupo Focal
HIV&SIDA	Vírus de Imunodeficiência Humana & Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
IISD	Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (International Institute for Sustainable Development)
IPCC	Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (Intergovernmental Panel on Climate Change)
M&A	Monitoria e Avaliação
NAPA	Programa de Acção para Adaptação Nacional (National Adaptation Programme of Action)
NU	Nações Unidas
OCB	Organização Comunitária de Base
ONG	Organização Não Governamental
PAN	Programa de Acção Nacional para o Combate à Seca e Desertificação
UNCCD	Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (United Nations Convention to Combat Desertification)
UNDP	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (United Nations Development Programme)
UNFCCC	Convenção do Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática (United Nations Framework Convention on Climate Change)
UNISDR	Estratégia Internacional das Nações Unidas para Redução de Desastres (United Nations International Strategy for Disaster Reduction)
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza (International Union for the Conservation of Nature)
SAP	Sistema de Aviso Prévio
SEI	Instituto do Ambiente de Estocolmo (Stockholm Environmental Institute)
VCAC	Vulnerabilidade Climática e Análise da Capacidade
WRI	Instituto de Recursos Mundiais (World Resources Institute)



# Introdução

A mudança climática coloca obstáculos adicionais ao fim da pobreza e ao alcance da justiça social. O aumento das temperaturas, chuvas cada vez mais irregulares, cheias mais frequentes e graves, ciclones e secas, têm consequências significativas para a segurança dos meios de subsistência das pessoas pobres, e os profissionais do desenvolvimento presenciam em primeira mão os efeitos de um clima em mudança no seu trabalho em todo o mundo.

De forma a assegurar que os programas de desenvolvimento reduzem a vulnerabilidade das pessoas à mudança climática devemos perceber quem é vulnerável aos seus efeitos e porquê. Em seguida devemos usar esta informação para o desenho, implementação, monitoria e avaliação das actividades.

A abordagem da CARE para a adaptação à mudança climática é fundada no conhecimento de que as pessoas devem ser empoderadas para transformar e defender os seus direitos e proteger os seus meios de subsistência. Esta abordagem também reconhece o papel decisivo que as instituições locais e nacionais bem como as políticas públicas, desempenham para moldar a capacidade de adaptação das pessoas.

A metodologia Vulnerabilidade Climática e Análise da Capacidade (VCAC) ajuda-nos a entender as implicações da mudança climática para as vidas e meios de subsistência das pessoas que servimos. Ao combinar o conhecimento local com informação científica sobre o clima, o processo desenvolve nas pessoas a compreensão sobre riscos climáticos e estratégias de adaptação. Esta metodologia providencia um quadro para o diálogo nas comunidades, bem como entre as comunidades e outros interessados. Os resultados dão uma base sólida para a identificação de estratégias práticas que facilitem a adaptação à mudança climática com base na comunidade.



## Sobre a Metodologia Vulnerabilidade Climática e Análise da Capacidade (VCAC)

A metodologia VCAC providencia um quadro para analisar a vulnerabilidade e a capacidade de se adaptar à mudança climática ao nível da comunidade. Reconhecendo que os actores locais devem ter a oportunidade de conduzir o seu próprio futuro, a VCAC coloca o conhecimento local sobre riscos climáticos e estratégias de adaptação na primeira linha da recolha de dados e do processo de análise.

Os principais objectivos da VCAC são:

- **Analisar a vulnerabilidade à mudança climática e a capacidade de adaptação ao nível da comunidade:** A VCAC é a VCAC é uma metodologia para recolher, organizar e analisar informação sobre vulnerabilidade e capacidade de adaptação das comunidades, dos indivíduos e famílias nas comunidades. Ela providencia orientação e ferramentas para a pesquisa e aprendizagem participativas. Fornece um quadro de guiões para analisar esta informação. Também leva em consideração o papel das instituições locais e nacionais e das políticas, na facilitação da adaptação.
- **Combina o conhecimento da comunidade e dados científicos para permitir uma melhor compreensão sobre os impactos locais da mudança climática:** Um dos desafios de trabalhar a nível local na adaptação à mudança climática é a falta de informação sobre impactos, simplificada e conhecida aos vários níveis (“scaled-down”). Isto está associado com dados e informações inadequadas sobre a meteorologia e previsões sobre o clima. O processo de recolher e analisar informação com as comunidades serve para desenvolver o conhecimento acerca das questões do clima e estratégias apropriadas para se adaptar. Os exercícios participativos e as discussões a eles associadas são uma oportunidade para ligar os conhecimentos da comunidade com as informações científicas disponíveis sobre a mudança climática. Isto ajudará os interessados a compreender as implicações que a mudança do clima tem nos seus meios de subsistência de modo a que eles estejam melhor habilitados a analisar os riscos e a planificar para a adaptação.

A metodologia VCAC é baseada num quadro de “factores favoráveis ao empoderamento” (enabling factors) para a Adaptação com Base na Comunidade (ABC). O Manual apresenta um conjunto de guiões para a análise de informação ao nível nacional, local, das famílias/indivíduo. Ela providencia orientação para a facilitação do processo participativo de análise de múltiplos interessados e para a aprendizagem de colaboração. A VCAC foi desenhada para estimular e fortalecer os processos de planificação providenciando informação essencial e específica ao contexto, sobre os impactos da mudança climática e vulnerabilidade local. O processo de recolha, análise e validação desta informação promove um diálogo valioso nas comunidades, e entre as comunidades e outros interessados.

A metodologia VCAC pode ser usada e adaptada para recolher e analisar informação tendo em vista o desenho de iniciativas de adaptação à mudança climática bem como integrar as questões da adaptação à mudança climática nos programas de gestão dos meios de subsistência e recursos naturais. Esta metodologia também pode dar evidências práticas para a advocacia sobre as questões da mudança climática. Este Manual dá uma visão geral da metodologia bem como orientação prática para usá-lo no desenho e implementação de acções de adaptação:

### O que é que a VCAC tem de novo e diferente?

Há uma série de características que tornam o processo da VCAC diferente de outras formas de análise e aprendizagem participativas, como por exemplo:

- **Ênfase na mudança climática:** A ênfase da VCAC é compreender como é que a mudança no clima irá afectar as vidas e meios de subsistência das populações alvo. Ela examina os riscos, a vulnerabilidade à mudança climática e a capacidade de adaptação tendo em vista criar capacidade de recuperação para o futuro. Os tipos de instrumentos sugeridos são testados e constituem ferramentas genuínas de Aprendizagem Participativa para a Acção (APA), mas com uma “lente” climática. As ferramentas são usadas para trazer as questões ao de cima a fim de serem depois analisadas no contexto da mudança climática através de discussões guiadas.
- **Analisar as condições e os riscos:** A VCAC tenta combinar boas práticas de análises levadas a cabo para iniciativas de desenvolvimento, que tendem a dar ênfase às condições da pobreza e vulnerabilidade<sup>1</sup>, com aquelas que são realizadas no contexto da Redução dos Riscos de Desastres (RRD), que tendem a colocar a ênfase nos perigos / calamidades<sup>2</sup>. O quadro da VCAC facilita a análise da informação obtida a partir de ambos os tipos de levantamento, na perspectiva da mudança climática. Ela examina tanto os riscos como as condições e analisa as interações entre os dois.

1 Por exemplo a abordagem da CARE Avaliação da Segurança dos Meios de Subsistência das Famílias (MSF).

2 Um exemplo notável é o da Federação Internacional da Cruz Vermelha e das Sociedades do Crescente Vermelho (FICV), Metodologia de Avaliação da Vulnerabilidade e Capacidade (AVC). Uma introdução pode ser encontrada em <http://www.ifrc.org/Docs/pubs/disasters/resources/preparing-disasters/vca/whats-vca-en.pdf>



- **Ênfase na análise de interessados múltiplos, aprendizagem e diálogo de colaboração:** Enquanto o propósito primário da VCAC é analisar informação, a metodologia é concebida tendo em vista equilibrar a agenda da pesquisa com o processo de aprendizagem e diálogo entre os interessados locais. Isto permite um melhor entendimento nas comunidades sobre os recursos que estão disponíveis para apoiar a adaptação, e pode promover o diálogo entre os interessados sobre acções de adaptação que façam sentido.
- **Coloca ênfase nas comunidades mas também examina o ambiente favorável ao empoderamento (*enabling environment*):** A vulnerabilidade à mudança climática varia dentro dos países, comunidades e até mesmo nas famílias. Portanto, a adaptação requer actividades específicas ao contexto e estratégias destinadas a ir de encontro às necessidades dos diversos grupos vulneráveis. Ao mesmo tempo, as políticas e instituições locais e nacionais desempenham um papel importante no desenvolvimento da capacidade das pessoas de se adaptarem à mudança climática. Assim, o processo VCAC dá ênfase ao nível comunitário mas incorpora a análise de questões ao nível regional e nacional, num esforço para criar um ambiente propício à adaptação com base na comunidade.



©CARE/Rick Perera

## A quem se destina este Manual?

O Manual VCAC destina-se a ser usado por:

- **Gestores de projecto e pessoal de campo:** Pessoal que esteja envolvido em projectos de meios de subsistência ou em projectos de adaptação com base na comunidade, encontrará orientação útil sobre como recolher e analisar informação na perspectiva da comunidade, do governo e científica. Esta informação pode ser usada para desenhar actividades localmente apropriadas para a adaptação à mudança climática.
- **Parceiros locais (governo e ONGs):** As ferramentas e processos foram concebidos para serem usados e replicados por uma vasta gama de interessados. As organizações governamentais e não governamentais locais podem usar a VCAC para ajudar a integrar as questões da vulnerabilidade e adaptação no planeamento e nos programas.
- **Comunidades:** As comunidades podem usar os instrumentos contidos neste Manual para apoiar os seus próprios processos de investigação e aprendizagem. Os resultados podem ser usados para planificar acções colectivas para adaptação ou fazer lobbies, junto do governo local ou ONGs, por intervenções apropriadas tendo em vista apoiá-las na adaptação à mudança climática.

Este Manual pretende ser um ponto de partida. Esperamos que os profissionais experimentem a metodologia VCAC, adaptando-a às suas circunstâncias e enriquecendo-a com as suas experiências. O seu retorno (*feedback*) ajudar-nos-á a desenvolver gradualmente a metodologia e será a base para actualizações futuras.

## Como usar o Manual VCAC?

O Manual VCAC destina-se a estimular a análise e o diálogo sobre a mudança climática e vulnerabilidade humana. Ele usa guiões para examinar factores a diversos níveis servindo-se de uma variedade de instrumentos para recolher informação. É desenhado para ser flexível de modo a que o processo de aprendizagem possa ser adaptado para ir de encontro às necessidades de usuários especiais.

O Manual começa com uma visão geral básica dos conceitos chave e com a abordagem da CARE para a adaptação com base na comunidade. Depois ele descreve como planear e conduzir a VCAC. Isto é seguido de uma descrição detalhada do quadro analítico, com sugestões dos instrumentos que podem ser usados a diferentes níveis para dar resposta aos guiões. Finalmente, o Manual dá sugestões para a aplicação dos resultados usando exemplos e estudos de caso curtos. Nos Guias de Campo, no fim do Manual, é providenciada uma orientação detalhada sobre como usar as ferramentas participativas numa análise VCAC.

Num esforço para manter o Manual conciso e focalizado, ele foi concebido para ser usado em conjunto com outros recursos, ferramentas e quadros analíticos. Links para recursos complementares são providenciados ao longo do Manual.

## O que é que a VCAC não fará

O Manual VCAC não foi concebido para guiar todo o processo de preparação de um projecto ou do desenho de uma campanha de advocacia. Em vez disso, ele pretende guiar a análise, que é, em geral, o primeiro passo em qualquer um destes trabalhos, e providenciar sugestões sobre como usar esta análise para passar à acção na adaptação à mudança climática. É importante notar que a metodologia VCAC não foi concebida para quantificar a vulnerabilidade ou fornecer resultados que possam ser generalizados ao nível regional e nacional. Contudo, a informação qualitativa da VCAC pode ser usada para desenhar uma pesquisa quantitativa se assim se desejar.

# Conceitos Chaves

A metodologia VCAC assenta nas seguintes interpretações de mudança climática, vulnerabilidade à mudança climática, capacidade adaptativa, resistência, perigo e adaptação.

## Mudança Climática

O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (PIMC)<sup>3</sup> define mudança climática como:

*Qualquer mudança no clima, ao longo do tempo, quer devida a uma variabilidade natural ou em resultado da actividade humana.*<sup>4</sup>

A CARE usa esta definição porque ela engloba tanto a variabilidade natural como as mudanças antropogênicas.

Quando discutimos mudança climática neste Manual estamos a referir-nos ao aumento global médio, observado e projectado da temperatura e aos impactos a ele associados, incluindo: o aumento de ocorrências atmosféricas extremas como o degelo dos icebergues, glaciares e do subsolo congelado (permafrost); aumento do nível do mar; e mudanças na época das chuvas bem como da quantidade de precipitação. Na perspectiva de redução da vulnerabilidade é desnecessário separar “mudança climática” causada pelos humanos da “variabilidade climática” natural.

## Vulnerabilidade à Mudança Climática

A vulnerabilidade à mudança climática foi definida como:

*O grau em que um sistema é susceptível, ou incapaz de fazer face a efeitos adversos da mudança climática, incluindo variabilidade climática e extremos. Vulnerabilidade é função do carácter, magnitude e graduação da variação climática a que um sistema está exposto, a sua sensibilidade e a sua capacidade adaptativa.*<sup>5</sup>

No contexto da VCAC, os sistemas a que nos referimos são as comunidades (reconhecendo que as comunidades não são homogêneas pois determinadas famílias ou indivíduos nas comunidades podem ter graus de vulnerabilidade diferentes).

A exposição à variação climática é, em primeiro lugar, uma questão geográfica. Por exemplo, comunidades da costa estão mais expostas ao aumento do nível do mar e ciclones enquanto as comunidades em áreas semi-áridas podem estar mais expostas à seca.

A sensibilidade é o grau em que a comunidade é afectada pelas pressões climáticas. Por exemplo, uma comunidade cuja agricultura é dependente da chuva é mais sensível do que aquela em que a principal estratégia de meios de subsistência é o trabalho numa mina.

## Capacidade Adaptativa

Capacidade adaptativa é definida como:

*A facultade de um sistema se ajustar à mudança climática (incluindo variabilidade climática e extremos), de moderar danos potenciais, tirar vantagem das oportunidades ou de fazer face às consequências.*<sup>6</sup>

Um dos factores mais importante para criar capacidade adaptativa dos indivíduos, famílias e comunidades é o seu acesso e controlo dos recursos naturais, humanos, sociais, físicos e financeiros. Exemplos de recursos que podem ser importantes para a capacidade adaptativa são:

<b>Humanos</b>	Conhecimento dos riscos climáticos, competências de agrícolas conservação e boa saúde para trabalhar.
<b>Sociais</b>	Grupos de poupança e crédito para mulheres, organizações de base dos camponeses.
<b>Físicos</b>	Infra-estrutura para irrigação, sementes e instalações para armazenagem dos grãos
<b>Naturais</b>	Fontes de água confiáveis e terra produtiva
<b>Financeiros</b>	Micro seguros e fontes de rendimento diversificadas

<sup>3</sup> O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) é um órgão criado para providenciar aos decisores, informação científica, técnica e sócio económica de uma forma política relevante mas neutra.

<sup>4</sup> IPCC, 2007. *Mudança Climática 2007: Impactos e Vulnerabilidade. Contribuição do Grupo de Trabalho II ao Quarto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática, Anexo I*, M.L. Parry, O.P. Canziani, J.P. Palutikot, P.J. van der Linden e C.E. Hanson, Eds., Imprensa da Universidade de Cambridge, Cambridge, UK, 976pp.

<sup>5</sup> Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) Grupo de Trabalho 2, 2001. *Terceiro Relatório de Avaliação, Anexo B: Glossário de Termos*.

<sup>6</sup> Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) Grupo de Trabalho 2, 2001. *Terceiro Relatório de Avaliação, Anexo B: Glossário de Termos*.





© CARE/Angie Daze/2007

Um homem em Nampula, Moçambique, mostra os frutos do seu trabalho usando técnicas de agricultura de conservação para preservar a humidade e fertilidade do solo.

## Calamidade

No contexto da redução do risco de desastre, uma calamidade é definida como:

*Um fenómeno, substância, actividade humana ou condição perigosa que possa causar perda de vidas, ferimentos ou outros impactos na saúde, danos em propriedade, perda de meios de subsistência e serviços, ruptura social e económica ou danos ambientais.*<sup>9</sup>

Quando discutimos perigos/ calamidades no contexto da VCAC estamos a referir-nos tanto a choques tais como secas e cheias (começo rápido), e a pressões tais como a mudança nos padrões da precipitação (processo lento)

É importante distinguir entre calamidade – por exemplo cheias, e os efeitos da calamidade – por exemplo morte de gado. Alguns efeitos tais como falta de comida podem ser resultado de uma combinação de calamidades, incluindo choques e pressões climáticas, declínio na fertilidade dos solos e acesso inseguro aos mercados. Para analisar a vulnerabilidade de forma eficaz, devemos entender a natureza dinâmica e as interações das calamidades.

<sup>7</sup> Em alguns quadros de meios de subsistência, o capital político é reconhecido como a sexta categoria de recursos.

<sup>8</sup> Adaptado da: UNISDR, 2009. *Terminologia: Termos básicos da redução dos riscos de desastre e IISD et al, 2007. Verificação de Riscos Baseada na Comunidade – Adaptação e Meios de Subsistência (CRISTAL) Manual do Usuário, Versão 3.0.*

<sup>9</sup> UNISDR, 2009. *Terminologia: Termos básicos da redução do risco de desastre.*

O acesso e o controlo dos recursos necessários para a adaptação variam dentro dos países, comunidades e mesmo famílias. É influenciado por factores externos tais como políticas, instituições e estruturas do poder.<sup>7</sup> A capacidade adaptativa pode variar ao longo do tempo com base na mudança das condições e pode diferir em relação a um perigo particular.

Em geral, as pessoas mais pobres do mundo são também as mais vulneráveis à mudança climática. Com frequência, isto acontece porque elas têm acesso limitado aos recursos que facilitariam a adaptação. As mulheres, por exemplo, são particularmente vulneráveis aos impactos da mudança climática devido às suas responsabilidades no lar e ao seu limitado acesso à informação, recursos e serviços. Outros grupos tais como pastores, pessoas vivendo com HIV&SIDA e os idosos podem também constituir populações bastante vulneráveis. A VCAC facilita a identificação de grupos vulneráveis e a escolha de estratégias de adaptação conforme o contexto.

## Capacidade de Resistência

Capacidade de resistência pode ser definida como:

*A facultade de uma comunidade resistir, absorver e recuperar-se dos efeitos dos perigos/calamidades de maneira eficiente e atempada, preservando ou restaurando as suas estruturas básicas essenciais, funções e identidade.*<sup>8</sup>

Resistência é um conceito familiar no contexto da redução do risco de desastres (RRD), e está sendo cada vez mais discutido no âmbito da adaptação. Uma comunidade com capacidade resistir aos choques está em boa posição para gerir riscos e assim minimizar os seus efeitos e/ou recuperar rapidamente de quaisquer impactos negativos, do que resultará um estado similar ou melhorado em comparação com a situação antes da calamidade ocorrer. Há ligações fortes entre resistência e capacidade adaptativa; conseqüentemente a recuperação também varia grandemente para grupos diferentes dentro da comunidade.



## Adaptação à Mudança Climática

De forma a reduzir a vulnerabilidade à mudança climática, devemos dar ênfase à criação de capacidade adaptativa, particularmente das pessoas mais vulneráveis, e nalguns casos, em reduzir a exposição ou sensibilidade aos impactos climáticos. Devemos também assegurar que as iniciativas de desenvolvimento não aumentam inadvertidamente a vulnerabilidade. Chamamos a este processo adaptação.

Adaptação é definida como:

*Ajustamento nos sistemas naturais ou humanos em resposta a estímulos climáticos presentes ou esperados ou os seus efeitos, que modera os danos ou explora oportunidades benéficas.<sup>10</sup>*

A adaptação dos sistemas humanos é um processo que requer o envolvimento de uma vasta gama de interessados a diversos níveis e em múltiplos sectores. Ela requer a análise da exposição actual aos choques e pressões climáticas e análises baseadas em modelos dos futuros impactos climáticos. Ela exige um entendimento da vulnerabilidade existente nos indivíduos, famílias e comunidades. Com esta informação, as estratégias de adaptação podem ser desenhadas e implementadas. Monitorar e avaliar a eficácia das actividades bem como partilhar os conhecimentos e lições aprendidas são componentes essenciais do processo.

### Como é que a adaptação difere de enfrentar (coping)?

Os termos “adaptação” e “enfrentar” são por vezes usados alternadamente, gerando confusão acerca das semelhanças e diferenças nestes dois importantes conceitos. A lista de características abaixo é uma compilação de sessões de chuva de ideias por grupos de profissionais do desenvolvimento no Gana, Níger e Nepal.

Enfrentar	Adaptação
<ul style="list-style-type: none"><li>• De curto prazo e imediata</li><li>• Orientada para a sobrevivência</li><li>• Não contínua</li><li>• Motivada por uma crise, reactiva</li><li>• Frequentemente degrada a base de recursos</li><li>• Devida à falta de alternativas</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Orientada no sentido da segurança dos meios de subsistência a longo prazo</li><li>• Um processo contínuo</li><li>• Os resultados são sustentados</li><li>• Usa os recursos de forma eficiente e sustentável</li><li>• Envolve planificação</li><li>• Combina estratégias e conhecimentos novos e antigos</li><li>• Com ênfase na procura de alternativas</li></ul>



<sup>10</sup> IPCC, 2007: Mudança Climática 2007: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade. Contribuição do Grupo de Trabalho II para o Quarto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática, Anexo I., M.L. Parry, O.F. Canziani, J.P. Palutikof, P.J. van der Linden e C.E. Hanson, Eds., Imprensa da Universidade de Cambridge, Cambridge, Reino Unido, 976pp.

## Articulações com Outros Quadros

A metodologia VCAC foi desenhada para complementar análises guiadas por outros quadros. Os usuários são encorajados a explorar estes quadros complementares a fim de facilitar uma análise integrada.

**Gênero e Diversidade:** O sucesso das iniciativas de desenvolvimento depende de relações de igualdade entre mulheres e homens e entre diferentes grupos sociais. Na perspectiva da mudança climática isto começa com o entendimento das diferenças na capacidade adaptativa entre grupos diferentes e entre homens e mulheres, e com o desenho de estratégias de adaptação que assegurem que as pessoas vulneráveis têm acesso igual aos recursos, direitos e oportunidades. É cada mais reconhecido que, por várias razões, as mulheres podem ser mais vulneráveis que os homens aos impactos do clima. Em média, as mulheres são mais pobres e a falta de acesso seguro aos recursos necessários para a adaptação é característica. As mulheres raramente têm igualdade de opinião na tomada de decisões nas famílias, comunidades ou nas políticas nacionais. Ao mesmo tempo, a experiência demonstrou que as mulheres são muito importantes para a melhoria permanente das vidas das suas famílias e comunidades e, portanto, devem desempenhar um papel fundamental nas iniciativas de adaptação com base na comunidade. Igualmente, os grupos marginalizados tendem a ter menos segurança no acesso e controle dos recursos e isto contribui para a sua vulnerabilidade à mudança climática. Estas causas base da vulnerabilidade devem ser tratadas de modo a ter um impacto sustentável na redução da vulnerabilidade aos choques climáticos. A metodologia VCAC dá ênfase à vulnerabilidade diferencial nas comunidades e famílias para identificar quem é vulnerável e porquê.

**Quadros dos Meios de Subsistência:** Os quadros dos meios de subsistência guiam os usuários num processo sistemático para entender como é que as pessoas usam diversos recursos e propriedades (tanto tangíveis como intangíveis) para levar a cabo uma gama de actividades de modo a alcançar resultados importantes nas suas vidas. Estes resultados incluem a satisfação de direitos básicos e também de necessidades básicas tais como água, abrigo e comida, de forma sustentável. Para a análise dos meios de subsistência é necessário entender como é que as pessoas têm acesso e controlam várias combinações de recursos e actividades, e como é que estas diferem dentro e entre as famílias, de tal forma que afectam a sua faculdade de alcançar os resultados que desejam nas suas vidas. A análise também nos ajuda a determinar como é que estas são influenciadas por factores externos tais como género e outras normas sociais, quadros das políticas, tendências económicas e o ambiente físico. A VCAC foi desenhada para aplicar uma *lente* climática à análise dos meios de subsistência. Ela examina a influência do ambiente físico mas também ajuda a perceber como é que as pessoas estão a usar os recursos e que aspectos dos meios de subsistência são mais vulneráveis.

**Abordagens Baseadas nos Direitos:** A ênfase da VCAC nas causas subjacentes da vulnerabilidade à mudança climática é compatível com a abordagem ao desenvolvimento baseada nos direitos. A abordagem baseada nos direitos (ABD) coloca deliberada e explicitamente ênfase em pessoas alcançando as condições mínimas para viver com dignidade (i.e. alcançar os seus direitos humanos). Actua desta maneira ao expor as causas da vulnerabilidade e marginalização e alargando a gama de respostas. Ela empodera as pessoas para reclamar e exercer os seus direitos e cumprir com as suas responsabilidades. Uma abordagem baseada nos direitos reconhece que os pobres, deslocados e pessoas afectadas pela guerra têm direitos fundamentais, essenciais para a segurança dos meios de subsistência - direitos que são validados pelo direito internacional.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Jones, Andrew. 2001. *Ciclo de Programa da CARE: Incorporação da Abordagem Baseada nos Direitos*, CARE USA, Atlanta.

# O Processo VCAC



©CARE/Angie Dazé/2007

Um grupo de mulheres na Aldeia de Bansi no Distrito de Bawku no Norte do Gana, desfrutam de um momento alegre/descontraído ?? Durante um exercício participativo.

A metodologia VCAC providencia um ponto de partida para atrair os interessados, avaliar a vulnerabilidade e entender riscos climáticos futuros. Os seus resultados constituem uma excelente base para desenhar, implementar e avaliar estratégias de adaptação através de um processo participativo de aprendizagem e planificação. A secção a seguir descreve o quadro analítico e os passos no processo VCAC.

## Um Quadro para Adaptação com Base na Comunidade

A mudança climática é apenas um dos muitos desafios que as pessoas pobres enfrentam. A fim de reduzir de forma eficaz a vulnerabilidade, a adaptação à mudança climática deve fazer parte de uma resposta holística destinada a criar capacidade de recuperação das comunidades para resistirem aos vários choques e pressões a que estão expostos.

Na perspectiva da CARE, a ABC requer uma abordagem integrada que combine o saber tradicional com estratégias inovadoras para lidar com a vulnerabilidade existente, ao mesmo tempo que se cria capacidade adaptativa para fazer face a desafios novos e dinâmicos. O processo ABC envolve quatro estratégias inter-relacionadas:

- Promoção de estratégias de meios de subsistência resistentes ao clima em combinação com a diversificação de rendimentos e o desenvolvimento da capacidade para planificar e melhorar a gestão dos riscos;
- Estratégias para redução do risco de desastre a fim de reduzir o impacto das calamidades/perigos, particularmente nas famílias e indivíduos vulneráveis;
- Desenvolvimento da capacidade da sociedade civil local e instituições governamentais para que estas possam dar um melhor apoio às comunidades, famílias e indivíduos no seu esforço de adaptação; e
- Advocacia e mobilização social para lidar com as causas fundamentais da vulnerabilidade, tais como governação não eficaz, falta de controlo sobre os recursos ou acesso limitado a serviços básicos.

Reconhecendo a importância de um ambiente ao empoderamento (enabling environment) para uma ABC eficaz, a nossa estratégia não se limita a promover a mudança ao nível da comunidade. A abordagem da CARE também tenta influenciar as políticas ao nível regional, nacional e internacional com a experiência com base na comunidade. Isto envolve advocacia baseada em provas bem como o envolvimento construtivo em processos chave de tomada de decisão.

O quadro analítico da VCAC é baseado no Quadro ABC da CARE. Este Quadro apresenta uma gama de “factores favoráveis” que devem existir ao nível das famílias/indivíduos, da comunidade/ ao nível local e nacional para que ocorra uma adaptação eficaz com base na comunidade. O processo VCAC facilita a análise da situação existente em relação a estes factores favoráveis. Isto ajuda a identificar acções que podem ser levadas a cabo para pôr estes factores em prática criando um ambiente ao empoderamento (enabling environment) para a adaptação. Estes factores favoráveis estão ligados às quatro estratégias acima descritas. O quadro é apresentado abaixo.

<b>Quadro da CARE para Adaptação com Base na Comunidade</b>				
	<b>Meios de Subsistência Resistentes ao Clima</b>	<b>Redução do Risco de Desastre</b>	<b>Desenvolvimento da Capacidade</b>	<b>Lidar com as Causas Fundamentais da Vulnerabilidade</b>
<b>Nível Nacional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O governo está a monitorar, analisar e a disseminar informação actual e futura sobre o clima relativa aos meios de subsistência</li> <li>Mudança climática é integrada em políticas sectoriais relevantes</li> <li>Mudança climática é integrada na estratégia para a redução da pobreza e/ou outras políticas de desenvolvimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O governo está a monitorar, analisar e a disseminar informação sobre o risco de desastre</li> <li>O governo está empenhado em planear e implementar a gestão do risco de desastre (incluindo prevenção, prontidão, resposta e recuperação)</li> <li>Sistemas de aviso prévio funcionais instalados</li> <li>Governo tem capacidade para responder a desastres</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O governo tem capacidade para monitorar, analisar e disseminar informação sobre riscos climáticos futuros e actuais.</li> <li>O governo tem mandato para integrar a mudança climática nas políticas.</li> <li>As políticas nacionais são divulgadas ao nível regional e local.</li> <li>São alocados recursos para a implementação de políticas relativas à adaptação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O governo reconhece vulnerabilidade específica das mulheres e outros grupos marginalizados à mudança climática</li> <li>As políticas e a implementação são orientadas para reduzir estas vulnerabilidades</li> <li>A sociedade civil está envolvida na planificação e implementação de actividades de adaptação</li> </ul>
<b>Nível do Governo Local / da Comunidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>As instituições locais têm acesso a informação sobre o clima</li> <li>Os planos ou políticas locais apoiam os meios de subsistência resistentes ao clima</li> <li>O governo local e os extensionistas das ONGs entendem os riscos climáticos e promovem estratégias de adaptação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>As instituições locais têm acesso a informação sobre risco de desastre</li> <li>Planos locais de gestão do risco de desastre sendo implementados</li> <li>Sistemas de aviso prévio funcionais instalados</li> <li>O governo local tem capacidade para responder a desastres</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>As instituições locais têm capacidade para monitorar, analisar e disseminar informação sobre riscos climáticos actuais e futuros.</li> <li>As instituições locais têm capacidade e recursos para planificar e implementar actividades de adaptação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Os processos de planificação locais são participativos</li> <li>As mulheres e outros grupos marginalizados têm voz nos processos de planificação local</li> <li>As políticas locais providenciam acesso e controlo sobre recursos essenciais dos meios de subsistência para todos.</li> </ul>
<b>Nível das Famílias / Indivíduo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>As pessoas geram e usam informação sobre o clima para a planificação</li> <li>As famílias usam práticas agrícolas resistentes (que permitem resistência rápida após desastre)</li> <li>As famílias têm meios de subsistência diversificados incluindo estratégias não agrícolas</li> <li>As pessoas gerem o risco através da planificação e do investimento no futuro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>As famílias têm reservas protegidas de comida e insumos agrícolas</li> <li>As famílias têm abrigos seguros</li> <li>Património chave está protegido</li> <li>As pessoas têm acesso a sistemas de aviso prévio sobre riscos climáticos</li> <li>As pessoas têm mobilidade para escapar do perigo em caso de riscos climáticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Redes de segurança social e económica estão disponíveis para as famílias</li> <li>Serviços financeiros estão disponíveis para as famílias</li> <li>As pessoas têm conhecimentos e habilidades para aplicar estratégias de adaptação</li> <li>As pessoas têm acesso a informação meteorológica sazonal e outras informações sobre o clima</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Homens e mulheres trabalham juntos para fazer face aos desafios</li> <li>As famílias têm controlo sobre recursos essenciais dos meios de subsistência</li> <li>As mulheres e outros grupos marginalizados têm acesso igual à informação, habilidades e serviços</li> <li>As mulheres e outros grupos marginalizados têm direitos e acesso iguais aos recursos essenciais dos meios de subsistência</li> </ul>

**NOTA:** *Instituições locais significa tanto o governo como as organizações da sociedade civil ao nível local.*





## VCAC: Onde e Quando?

O processo VCAC pode ser usado em qualquer comunidade onde se deseje um entendimento profundo da vulnerabilidade à mudança climática. Ele pode ser particularmente relevante para as comunidades em áreas ou regiões que tenham sido identificadas como particularmente vulneráveis.<sup>12</sup> O processo descrito neste Manual tem como alvo as comunidades rurais devido à sua sensibilidade aos impactos climáticos; contudo, ele pode ser facilmente usado e adaptado para comunidades urbanas.

O ideal seria que a abordagem VCAC fosse integrada no processo analítico levado a cabo no início de um ciclo de projecto para que a análise pudesse ser usada no desenho do mesmo. Isto seria aplicável independentemente de o objectivo ser desenvolver um projecto de adaptação com base numa comunidade seleccionada, ou integrar a adaptação num projecto de desenvolvimento. Ela pode também ser usada no estágio inicial do desenho de uma campanha de advocacia para desenvolver a base de provas e para identificar aliados e oponentes.

Dada a natureza dinâmica da vulnerabilidade à mudança climática, pode ser apropriado actualizar a análise VCAC no decurso do projecto. As abordagens sugeridas também podem ser incorporadas no sistema de monitoria e avaliação de um projecto para detectar mudanças na vulnerabilidade, que resultem das intervenções do projecto e de mudanças nas condições climáticas.

## Determinar a Abrangência e a Profundidade da Análise

O processo VCAC pode facilmente ser adaptado para reflectir necessidades e limitações. O processo descrito neste Manual parte do princípio que há disponibilidade de tempo e recursos para levar a cabo uma análise relativamente “profunda”. Neste cenário, o desejo é obter um entendimento detalhado sobre a dinâmica da vulnerabilidade para grupos diferentes dentro da comunidade. Ela requer um envolvimento significativo com as comunidades e interessados locais, durante um certo período de tempo, a fim de recolher informação, analisar dados, validar a análise e usá-la num processo mais amplo de planificação participativa.

Se os recursos forem limitados ou se a finalidade for analisar uma área geográfica maior, uma abordagem de amostragem pode ser usada. Dentro dos limites geográficos a análise pode ter como alvo comunidades que tenham sido identificadas previamente como particularmente vulneráveis ou, uma amostra de comunidades que representem diferentes zonas agro ecológicas e / ou perfis sócio económicos. A consulta com o governo local e representantes de ONGs é importante para a selecção das comunidades alvo.

<sup>12</sup> Ver por exemplo: Ehrhart, C. et al, 2009. Impactos Humanitários das Mudanças Climáticas: Mapear tendências emergentes e locais de alto risco. CARE, UN OCHA and Maplecroft.

O período de tempo para realizar a VCAC depende da abrangência da análise, do número de interessados envolvidos (grupos comunitários, famílias, instituições do governo, etc.) e da quantidade de informação adicional/secundária disponível na área alvo. Também depende se a análise se desenvolve a partir de uma presença já existente na comunidade. Se não, será necessário mais tempo para identificar formas apropriadas de entrar na comunidade e criar confiança.

Os guiões e instrumentos VCAC podem facilmente ser integrados em outros tipos de análise, tais como a análise dos meios de subsistência providenciando uma “lente” climática para as abordagens em uso. Isto é particularmente relevante quando a finalidade é integrar a adaptação num projecto de desenvolvimento.

## Constituir a Equipa

Habilidades e experiência chave que seria útil ter numa equipa analítica incluiriam:

- Habilidades de pesquisa – para pesquisa de antecedentes (*background*)
- Conhecimento sobre mudanças climáticas - *para analisar e resumir informação* disponível sobre o clima
- Análise institucional e das políticas - *para analisar o ambiente au empoderamento* (“enabling environment)
- Especialidade científica - *em agricultura, água e outros sectores relevantes*
- Facilitação de processos participativos - *para animar e equilibrar a participação de todos no grupo, manter o grupo no caminho certo e criar um ambiente de confiança e abertura*
- Género e diversidade- *para assegurar facilitação sensível ao género e diversidade e analisar a vulnerabilidade diferencial*
- Gestão de conflitos: *para ajudar o grupo a entender perspectivas e opiniões diferentes e chegar a conclusões e/ou consensos*
- Entrevista qualitativa: *escutar atentamente e insistir por uma reflexão mais profunda/informação adicional*
- Habilidades de escrita: *apresentar um argumento convincente, claro e vigoroso a várias audiências para incorporar estratégias de adaptação nos projectos ou como actividades novas.*

Quando se planeia uma VCAC é importante escolher uma equipa analítica com antecedentes diferentes. Uma equipa multidisciplinar estará em melhor posição para levar a cabo uma análise holística. De modo a assegurar formas apropriadas de entrar nas comunidades, e para aumentar a confiança durante os exercícios de campo, a equipa deve incluir pessoas conhecidas na área, tais como representantes de ONGs locais e OCBs. Os chefes de equipa devem estar atentos ao facto de que algumas pessoas podem querer tirar vantagem dos resultados da análise.

A fim de identificar potenciais membros da equipa para a análise, é útil ter uma lista de organizações locais (ver página 23). O ideal seria que representantes do governo local, da unidade administrativa ou de planificação, ou de agências sectoriais tais como agricultura ou água fizessem parte da equipa. Isto aumentaria o sentido de pertença (ownership) do processo bem como a responsabilidade para agir sobre os resultados. Também serve para facilitar ligações entre os provedores de serviços e grupos vulneráveis, que em circunstâncias normais podem não ter a oportunidade de interagir com estas organizações.

## Equilibrar Pesquisa com Aprendizagem

Ligado aos conceitos e abordagens ao desenvolvimento participativo bem como à pesquisa participativa activa, os que aplicam a abordagem VCAC devem tomar precauções para não serem “extractivos”. Embora o usuário possa estar a actuar na qualidade de pesquisador, ele ou ela também deve ser um facilitador - do diálogo, perspectivas, opiniões e desta forma aprender. O processo VCAC é uma oportunidade para juntar informação valiosa mas é também uma oportunidade para permitir a aprendizagem de interessados múltiplos – à volta de questões novas ou inaparentes. De maneira ideal, esta aprendizagem será orientada para a acção de modo a que as comunidades (e outros) identifiquem compromissos visando a adaptação. Facilitar a análise essencial no seio de um grupo torná-lo-á mais apto para repetir o exercício no futuro e dará ímpeto para o processo de aprendizagem.



# Fazer a Análise

Partindo do Quadro ABC da CARE, o processo VCAC usa uma série de guiões para analisar informação ao nível nacional, do governo, comunidade local e família/indivíduo. A ideia é combinar a informação conseguida aos diferentes níveis usando as várias ferramentas de acordo com os guiões. Com esta informação os usuários deveriam estar em boa posição para tirar conclusões acerca da capacidade adaptativa nas comunidades alvo, e para desenhar intervenções apropriadas para apoiar a adaptação.

Os guiões e as ferramentas sugeridas para recolher e analisar dados são apresentados abaixo.

## Nível Nacional

<i>Guiões Nível Nacional</i>	
<i>Meios de Subsistência Resistentes</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O governo está a monitorar e a analisar a informação actual e futura sobre o clima em relação aos meios de subsistência?</li> <li>• Se sim, esta informação está a ser disseminada? Como? A quem?</li> <li>• Quais são os impactos observados e previstos da mudança climática para o país?</li> <li>• A mudança climática está integrada nas políticas sectoriais relevantes?</li> <li>• A mudança climática está integrada nas estratégias de redução da pobreza e/ou outras políticas ou programas de desenvolvimento?</li> </ul>
<i>Redução do Risco de Desastre</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais são os riscos climáticos mais importantes que o país enfrenta? E os não relacionados com o clima?</li> <li>• Há partes especiais do país que são vulneráveis?</li> <li>• Quais são as possibilidades de os riscos mudarem ao longo do tempo em resultado da mudança climática?</li> <li>• O governo está a monitorar e a analisar a informação sobre o risco de desastre?</li> <li>• Se sim, esta informação está a ser disseminada? Como? A quem?</li> <li>• O governo está empenhado em planificar e implementar a gestão do risco de desastre? Se sim, quais os ministérios e/ou agências do governo que estão activamente envolvidas?</li> <li>• A mudança climática está integrada na planificação para a gestão do risco de desastre?</li> <li>• Existem sistemas funcionais de aviso prévio (SAP) instalados ao nível nacional?</li> <li>• O governo tem capacidade para responder a desastres?</li> <li>• Que outras instituições estão envolvidas na gestão do risco de desastre ao nível nacional?</li> </ul>
<i>Desenvolvimento da Capacidade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que instituições estão envolvidas na pesquisa, planificação e implementação da adaptação?</li> <li>• Quais são as instituições mais importantes que facilitam ou constroem a adaptação?</li> <li>• O governo tem capacidade para monitorar e analisar informação sobre riscos climáticos presentes e futuros?</li> <li>• Existem mecanismos para disseminar esta informação?</li> <li>• Existe no governo uma estrutura apropriada com mandato para integrar informação sobre o clima nas políticas relevantes?</li> <li>• Esta informação está sendo integrada nas políticas relevantes?</li> <li>• As políticas nacionais são divulgadas ao nível regional e local? O governo da resposta às prioridades locais?</li> <li>• Há recursos alocados para implementação de políticas relativas à adaptação? Qual é o orçamento? De onde vêm os recursos?</li> <li>• Qual a capacidade existente e necessidade de recursos e/ou lacunas para a adaptação à mudança climática?</li> <li>• Que outras capacidades podem vir a ser necessárias para lidar com a alteração das circunstâncias devida à mudança climática?</li> </ul>
<i>Tratar das Causas Fundamentais da Vulnerabilidade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os responsáveis pelas políticas e programas sobre a mudança climática demonstram um entendimento da ligação entre pobreza e vulnerabilidade à mudança climática?</li> <li>• Os responsáveis pelas políticas e programas sobre a mudança climática reconhecem a vulnerabilidade específica das mulheres e outros grupos marginalizados à mudança climática?</li> <li>• Este conhecimento e reconhecimento traduzem-se em políticas e implementação de programas? As políticas e programas apoiam o empoderamento dos grupos vulneráveis?</li> <li>• Os grupos vulneráveis têm defensores (para advocacia) ao nível nacional?</li> <li>• A sociedade civil está envolvida na planificação para a adaptação?</li> </ul>

## Instrumentos Analíticos

### Pesquisa Secundária

Antes de iniciar o trabalho nas comunidades é importante conhecer amplamente a situação. Informação científica sobre mudança climática está em geral disponível ao nível do país. Isto pode ajudar a identificar quais os choques e pressões relacionadas com o clima que podem provavelmente afectar as comunidades. É importante saber que a informação está disponível e rearranjá-la de maneira a que seja interessante, relevante e de fácil compreensão nas comunidades.

Fontes de informação úteis podem incluir:

- Comunicações Nacionais ao Quadro da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança Climática (UNFCCC)
- Relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)
- Documentos do Programa de Acção de Adaptação Nacional (NAPA)
- Documentos do Programa de Acção Nacional para o Combate à Seca e Desertificação (PAN)
- Jornais profissionais e académicos
- Dados meteorológicos sobre as tendências climáticas actuais
- Informação meteorológica sazonal
- Mapas que mostrem a topografia, regiões agro ecológicas, infra-estrutura, etc.
- Censo nacional e dados sobre a pobreza

Grande parte destes recursos encontra-se na internet e através dos serviços meteorológicos nacionais.

#### PARA MAIS INFORMAÇÃO

O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (PIMC) produz relatórios de avaliação que resumem informação sobre a ciência da mudança climática, mitigação, impactos e adaptação. <http://www.ipcc.ch/>

Comunicações Nacionais para o QNUMC podem ser baixadas (downloaded) em [http://unfccc.int/national\\_reports/non-annex\\_i\\_natcom/submitted\\_natcom/items/653.php](http://unfccc.int/national_reports/non-annex_i_natcom/submitted_natcom/items/653.php)

O website do QNUMC tem PAANs completos disponíveis para serem baixados (downloaded) <http://unfccc.int/adaptation/napas/items/4585.php>

Os folhetos de factos da Tendências da Terra do Instituto de Recursos Mundiais (IRM) dão estatísticas apropriadas sobre o clima e energia ao nível nacional. <http://earthtrends.wri.org/#>

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Escola de Geografia e Meio Ambiente na Universidade de Oxford produziram estudos, ao nível de país, de observação climática e projecções multe modelo para 52 países em vias de desenvolvimento que estão disponíveis em: <http://country-profiles.geog.ox.ac.uk/>

A Estratégia Internacional das Nações Unidas para Redução de Desastres (EINURD) providencia informação útil sobre tendências de desastre e redução do risco de desastre: <http://www.unisdr.org/>

### Mapeamento Institucional

Para compreender o contexto ao nível nacional e para guiar análises adicionais pode ser útil levar a cabo um exercício de mapeamento institucional. Questões chave a serem consideradas na análise incluiriam:

- Que organizações (governamentais e não governamentais) estão envolvidas no tratamento das questões chave e dos problemas relacionados com a mudança climática?
- Quais são as políticas ou documentos estratégicos que orientam o seu trabalho?
- Quais são das suas actividades são relevantes para a adaptação?
- Têm mandato para tratar das questões da mudança climática?
- Qual é o nível de influência da instituição para tratar da adaptação?
- Quais são as suas relações com outras organizações?
- Quais são os pontos fortes e fracos das instituições?

A análise institucional dá informação útil para planificar a abrangência da análise das políticas e para identificar interessados chave para investigação adicional.



### **Análise das Políticas**

As decisões tomadas pelos governos centrais podem ter efeitos profundos na capacidade das comunidades se adaptarem à mudança climática. Políticas em sectores tais como água, agricultura, saúde, infra-estrutura e desenvolvimento económico podem facilitar ou constringer a adaptação. A integração de considerações sobre mudança climática nestas políticas pode assegurar que elas contribuam para a capacidade adaptativa desde o nível nacional até ao local. Nalguns casos as políticas existentes dão oportunidades para tratar da mudança climática – desde que existam capacidades recursos e vontade política para assegurar que elas são implementadas.

É importante entender estas dinâmicas e como é que elas podem afectar a capacidade adaptativa ao nível do governo, da comunidade local, das famílias/indivíduo. Portanto, o processo VCAC deve analisar as políticas relevantes dando ênfase à integração das questões da mudança climática nas políticas, e nas oportunidades e barreiras para a facilitação da adaptação nas comunidades alvo.

### **Entrevistas com Informantes Chave**

Com frequência, os documentos das políticas apresentam um cenário optimista que é muito diferente da realidade da implementação. Portanto, pode ser muito importante falar com os informantes chave que podem providenciar informação e análises sobre a implementação das políticas relevantes. Note que estes informantes podem querer o anonimato.

Informantes chave ao nível nacional incluiriam:

- Pessoas envolvidas na criação de NAPA's ou outras políticas e planos sobre mudança climática;
- Pessoas envolvidas na criação ou implementação de políticas sobre gestão do risco de desastre;
- Pessoas que lideram a tomada de decisões em sectores relevantes tais como água, agricultura, desenvolvimento económico, etc.;
- Representantes da sociedade civil envolvidos na advocacia para as questões da gestão do meio ambiente e recursos naturais e/ou direitos das pessoas vulneráveis;
- Representantes de agências doadoras;
- Académicos ou peritos em pesquisa das políticas nos sectores relevantes.

## Nível do Governo Local/ Da Comunidade

<i>Guiões</i> <i>Nível do Governo Local/Da comunidade</i>	
<b><i>Meios de Subsistência Resistentes</i></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Existem projecções climáticas e conseda os varios niveles ("scaled-down")?</li> <li>- Se sim, quais são os impactos observados e prognosticados da mudança climática para a região e/ ou zona ecológica</li> <li>- As instituições locais têm acesso à informação sobre os riscos climáticos actuais e futuros?</li> <li>- Quais são os grupos de meios de subsistência ou sectores económicos que são mais vulneráveis à mudança climática?</li> <li>- Os planos ou políticas locais apoiam os meios de subsistência resistentes ao clima?</li> <li>- O governo local e os extensionistas das ONGs entendem os riscos climáticos e promovem estratégias de adaptação?</li> </ul>
<b><i>Redução do Risco de Desastre</i></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais são os riscos climáticos mais importantes que a região/ e/ou zona ecológica enfrenta? E os não relacionados com o clima?</li> <li>- Como é que os riscos podem vir a mudar com o passar do tempo em resultado da mudança climática?</li> <li>- Quais são os grupos que na comunidade são mais vulneráveis a desastres?</li> <li>- As instituições locais têm acesso a informação sobre risco de desastre?</li> <li>- Os planos locais para gestão do risco de desastre estão sendo implementados?</li> <li>- Ao nível local existem sistemas de aviso prévio funcionais?</li> <li>- O governo local tem capacidade para responder a desastres?</li> <li>- Que outras instituições estão envolvidas na gestão do risco de desastre ao nível local?</li> </ul>
<b><i>Desenvolvimento da Capacidade</i></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Que instituições (governamentais e não governamentais) estão envolvidas na pesquisa, planificação e implementação da adaptação?</li> <li>- Quais são as instituições mais importantes que facilitam ou constroem a adaptação?</li> <li>- As instituições locais (governamentais ou não governamentais) têm capacidade para monitorar e analisar informação sobre riscos climáticos actuais e futuros?</li> <li>- Existem mecanismos para disseminar esta informação?</li> <li>- As instituições locais têm capacidade para planificar e implementar actividades de adaptação?</li> <li>- São alocados recursos para implementação das políticas relacionadas com a adaptação? Qual é o orçamento? De onde provêm os recursos?</li> <li>- Qual é a capacidade existente e recursos necessários e/ou lacunas para a adaptação à mudança climática?</li> <li>- Que outras capacidades podem ser necessárias para lidar com a alteração das circunstâncias devida à mudança climática</li> </ul>
<b><i>Tratar das Causas Fundamentais da Vulnerabilidade</i></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Que grupos sociais na comunidade são mais vulneráveis à mudança climática?</li> <li>- Os processos de planificação local são participativos?</li> <li>- As mulheres e outros marginalizados têm voz nos processos de planificação local?</li> <li>- As políticas locais providenciam acesso e controlo sobre recursos essenciais dos meios de subsistência para todos?</li> <li>- Que outros factores constroem a capacidade adaptativa dos grupos mais vulneráveis? As comunidades e grupos vulneráveis têm alguma influência sobre estes factores?</li> </ul>

### ***Instrumentos Analíticos***

#### **Pesquisa Secundária**

Um entendimento das estratégias dos meios de subsistência, situação sócio económica, dinâmicas de poder e governação local nas comunidades alvo, é essencial para assegurar que os facilitadores são eficazes durante o trabalho de campo e para identificar grupos focais na comunidade.



Fontes secundárias para informação ao nível da comunidade incluiriam:

- Relatórios de avaliação das ONGs e organizações das Nações Unidas;
- Avaliações das operações passadas de resposta a desastres;
- Programas de monitoria da vulnerabilidade (e.g. Sistema de Aviso Prévio da Fome (FEWS-NET));
- Relatórios de monitoria do meio ambiente para a área alvo;
- Documentos do governo incluindo estratégias de redução da pobreza, planos de desenvolvimento, estatísticas oficiais, etc;
- Consulta com agências (governamentais e não governamentais) a trabalhar na região alvo;
- Informação meteorológica sazonal.

### Análise das Políticas

Dependendo do grau de descentralização da tomada de decisões num determinado país, os planos ou políticas locais podem ser importantes para moldar a capacidade adaptativa das famílias e dos indivíduos vulneráveis. Planos regionais ou distritais e/ou estratégias sectoriais podem dar informação importante acerca das prioridades dos governos locais. Além disto, o processo de desenvolvimento destas políticas e estratégias pode dar uma apreciação sobre o nível de participação das pessoas vulneráveis no estabelecimento destas prioridades. O grau de implementação pode revelar informação útil sobre os constrangimentos em termos de recursos e de capacidade que os actores locais enfrentam.

### Mapeamento Institucional

As instituições desempenham um papel fundamental em apoiar ou limitar a capacidade de adaptação à mudança climática. Para entender melhor quais são as instituições mais importantes para as pessoas nas comunidades alvo, é útil fazer um mapeamento institucional. O mapeamento institucional envolve a verificação das seguintes questões:

- Que organizações (governamentais, não governamentais e baseadas na comunidade) estão envolvidas no tratamento das questões e problemas chave relacionados com a mudança climática.
- O que fazem?
- Onde trabalham?
- Como interagem com a população alvo?
- Onde se sobrepõem com outras organizações?
- Quais as lacunas em termos de capacidade?
- De que forma algumas organizações podem impedir o trabalho de outras?
- Quais são os seus planos de trabalho a longo prazo na área?
- Quais as pontos fortes e fracos das instituições?<sup>13</sup>
- Qual o nível de influência da instituição na planificação e implementação da adaptação?

O exercício de mapeamento ajuda a identificar as instituições que deveriam estar envolvidas no processo VCAC bem como os potenciais aliados e oponentes no tratamento da vulnerabilidade ao nível da comunidade.

### Entrevistas com Informantes Chave

Os informantes chave podem providenciar apreciações às estruturas do governo local e ao estado da implementação das políticas e programas locais. As questões de poder nas comunidades e entre estas e outros interessados podem também tornar-se evidentes através de entrevistas com actores chave. Uma vez mais, a manutenção do anonimato pode levar a que eles se expressem mais livremente.

<sup>13</sup> CARE, 2002. Household Livelihood Security Assessment Toolkit for Practitioners.



Na Aldeia Soudoure no Níger, um grupo de mulheres trabalha colectivamente para desenhar um mapa de perigos para sua comunidade.

©CARE/Angie Dazé/2008

Informantes chave ao nível do governo local e da comunidade incluiriam:

- Líderes locais (chefes, presidentes de município, representantes eleitos, etc.);
- Representantes de organizações comunitárias de base (OCBs) tais como grupos de camponeses, comités de água e saneamento, grupos de poupança e crédito, etc;
- Representantes de grupos de mulheres ou outros grupos com base nos direitos;
- Representantes de ONGs a trabalhar em programas ou advocacia nas regiões alvo;
- Instituições académicas e de pesquisa envolvidas na região alvo;

#### PARA MAIS INFORMAÇÃO

O Conjunto de Instrumentos para Avaliação da Segurança dos Meios de Subsistência das Famílias da CARE, providenciam conselhos úteis para a planificação de avaliações, realizar entrevistas com informantes chave e outras abordagens relevantes: [http://www.proventionconsortium.org/themes/default/pdfs/CRA/HLSA2002\\_meth.pdf](http://www.proventionconsortium.org/themes/default/pdfs/CRA/HLSA2002_meth.pdf)

O website Meios de Subsistência do Instituto para Estudos de Desenvolvimento tem links com vários instrumentos úteis para a análise das políticas e institucional. [http://www.livelihoods.org/info/info\\_toolbox.html](http://www.livelihoods.org/info/info_toolbox.html)

O Conjunto de Instrumentos de Advocacia da Tearfund inclui uma gama de instrumentos diferentes para pesquisar e analisar o contexto amplo do país. [http://tilz.tearfund.org/webdocs/Tilz/Roots/English/Advocacy%20toolkit/Advocacy%20toolkit\\_E\\_Part%20C\\_2\\_Research%20and%20analysis.pdf](http://tilz.tearfund.org/webdocs/Tilz/Roots/English/Advocacy%20toolkit/Advocacy%20toolkit_E_Part%20C_2_Research%20and%20analysis.pdf)

Estimular a mudança: Um Conjunto de Instrumentos para ONGs Africanas inclui orientação sobre ferramentas para o trabalho de advocacia, incluindo a análise dos interessados. [http://www.fern.org/media/documents/document\\_3914\\_3917.pdf](http://www.fern.org/media/documents/document_3914_3917.pdf)

## Nível da Família/Indivíduo

Guiões Nível da Família/Indivíduo	
<b>Meios de Subsistência Resistentes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais são os recursos dos meios de subsistência mais importantes para os diferentes grupos na comunidade?</li> <li>- Quais as mudanças no clima é que a comunidade tem vindo a observar? Os sistemas tradicionais de previsão meteorológica funcionam?</li> <li>- Que estratégias de enfrentar (coping) são empregues para lidar com choques e pressões?</li> <li>- As pessoas estão a gerar e a usar informação sobre o clima para a planificação?</li> <li>- As famílias estão a usar práticas agrícolas resistentes ao clima?</li> <li>- As famílias têm estratégias de meios de subsistência diversificadas? Isto inclui estratégias não agrícolas?</li> <li>- As pessoas estão a gerir o risco através da planificação e do investimento no futuro?</li> </ul>
<b>Redução do Risco de Desastre</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual é o maior risco climático a que têm que fazer face? E riscos não relacionados com o clima?</li> <li>- Como é que os riscos podem mudar, com o andar do tempo, em resultado da mudança climática?</li> <li>- As famílias têm reservas protegidas de comida e insumos agrícolas?</li> <li>- As famílias têm abrigos seguros?</li> <li>- Os bens chave estão protegidos dos perigos/calamidades?</li> <li>- As pessoas têm acesso a sistemas de aviso prévio para riscos climáticos?</li> <li>- As pessoas têm mobilidade para escapar do perigo em caso de risco climático?</li> </ul>
<b>Desenvolvimento da Capacidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estão disponíveis redes de segurança social e económica para as famílias?</li> <li>- Estão disponíveis serviços financeiros para as famílias?</li> <li>- As pessoas têm conhecimentos e habilidades para empregar estratégias de adaptação?</li> <li>- As pessoas têm acesso a previsão meteorológica sazonal e a outras informações sobre o clima?</li> </ul>
<b>Tratar das Causas Fundamentais da Vulnerabilidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Homens e mulheres trabalham em conjunto para fazer face aos desafios?</li> <li>- As famílias têm controlo sobre recursos essenciais dos meios de subsistência?</li> <li>- As mulheres e outros grupos marginalizados têm direitos e acesso igual aos recursos?</li> <li>- Existem outros factores sociais, políticos ou económicos que tornem algumas pessoas em particular na comunidade mais vulneráveis do que outras?</li> <li>- Estes grupos vulneráveis têm alguma influência sobre estes factores?</li> </ul>





Agricultores trabalhando em hortas flutuantes na aldeia de Chadra, Jessore Bangladesh.

## Ferramentas analíticas

### Pesquisa Secundária

Para planejar eficazmente o trabalho de campo e para assegurar que as comunidades não são sobrecarregadas com equipas de pesquisa e avaliação, é importante rever a informação existente.

Fontes de informação sobre meios de subsistência incluiriam:

- Relatórios de avaliação das ONGs ou organizações das Nações Unidas;
- Diagnóstico base (*baseline*) de projecto/programa e/ou relatórios de avaliação;
- Programas de monitoria da vulnerabilidade (e.g. Sistema de Aviso Prévio da Fome (FEWS-NET));
- Avaliação pós desastre;
- Consulta com agências (governamentais e não governamentais) a trabalhar na região alvo;
- Mapas mostrando a topografia, regiões agro ecológicas, infra-estrutura, etc.

Nalguns casos será possível responder a muitos dos guiões usando fontes secundárias. Contudo, esta informação deve ser verificada pelos interessados locais. Ter mais informação sobre os antecedentes permitirá que o trabalho de campo focalize especificamente nas questões da mudança climática. Em muitos casos existirá muito pouca informação ao nível das famílias e indivíduos e, portanto, uma análise participativa mais profunda será necessária para perceber as dinâmicas da vulnerabilidade.

### Ferramentas Participativas

A pesquisa secundária é complementada por aprendizagem de colaboração empregando ferramentas participativas características e discussões em grupos focais (GFs).

Em geral, os GFs envolvem 5-12 pessoas seleccionadas para representarem sistemas diferentes de meios de subsistência e/ou grupos vulneráveis na comunidade. Um GF simples pode incluir pessoas seleccionadas com base na idade e género (e.g. meninas adolescentes, mulheres idosas ou homens jovens casados) ou através de uma outra característica comum (e.g. pessoas com doenças crónicas ou membros de associações de camponeses). No mínimo sugere-se que se realizem discussões com grupos de homens e mulheres separadamente para que os participantes se sintam à vontade para falar livremente.

As ferramentas participativas foram desenhadas para trazer as questões ao de cima. Estas podem depois ser melhor verificadas através de discussões semi-estruturadas. Isto pretende ser apenas uma orientação. O trabalho de campo tem de ser adaptado ao contexto particular e aos objectivos da análise. A gama de ferramentas usadas também dependerá do tempo e dos recursos disponíveis para o trabalho de campo.

Criar processos participativos e equilibrar a aprendizagem com a recolha de informação depende de uma facilitação forte e cuidadosa. Os Guias de Campo no fim deste Manual dão sugestões para facilitação bem como uma orientação detalhada sobre o uso de ferramentas participativas e facilitação de discussões com grupos focais.

Guia de Campo	Finalidade
1 <i>Sugestões para Facilitação</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Orientar a planificação e preparação para as visitas à comunidade;</li> <li>- Providenciar orientação geral sobre facilitação eficaz</li> </ul>
2 <i>Mapeamento de Riscos</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Familiarizar-se com a comunidade e verificar como é que o lugar é visto por grupos diferentes na comunidade;</li> <li>- Identificar recursos importantes dos meios de subsistência na comunidade e quem é que tem acesso e controlo sobre os mesmos;</li> <li>- Identificar áreas e recursos em risco de calamidade climática);</li> <li>- Analisar alterações nos perigos e planificar para a redução do risco.</li> </ul>
3 <i>Calendários Sazonais</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar períodos em que há pressões, perigos, doenças, fome, dívidas, vulnerabilidade, etc;</li> <li>- Entender os meios de subsistência e estratégias para enfrentar (coping strategies)</li> <li>- Analisar mudanças nas actividades sazonais;</li> <li>- Avaliar o uso da informação climática para a planificação.</li> </ul>
4 <i>Perfil Histórico</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer uma apreciação dos riscos passados, mudanças na sua natureza, intensidade e comportamento;</li> <li>- Consciencializar as pessoas sobre as tendências e sobre as mudanças com o passar do tempo;</li> <li>- Avaliar o alcance da análise de riscos, planificação e investimento futuro.</li> </ul>
5 <i>Matriz de Vulnerabilidade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Determinar os perigos que têm um impacto mais sério nos recursos importantes dos meios de subsistência.</li> <li>- Determinar quais os recursos dos meios de subsistência que são mais vulneráveis;</li> <li>- Identificar estratégias para enfrentar (coping strategies) usadas actualmente para lidar com os perigos identificados.</li> </ul>
6 <i>Diagrama de Venn</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber que instituições são mais importantes para as comunidades;</li> <li>- Analisar o envolvimento dos diferentes grupos nos processos de planificação local;</li> <li>- Avaliar o acesso aos serviços e disponibilidade de redes de segurança social</li> </ul>

## Participação e Desenvolvimento Centrado nas Pessoas

O desenvolvimento centrado nas pessoas cria relações entre indivíduos e comunidades como a base para uma colaboração criativa em torno de uma agenda emergente – tais como mudança climática e adaptação. Os actores do desenvolvimento (e.g. camponeses/agricultores, grupos de mulheres, indivíduos, famílias, ONGs locais, governos, homens, mulheres, comunidades) são considerados como pessoas informadas e capazes de resolver os seus próprios problemas. Tendo isto em mente, a metodologia VCAC procura construir relações novas entre interessados múltiplos e o seu ambiente bem como entre as próprias pessoas, dependendo e observando largamente as percepções e criatividade local. Isto requer um processo mais interactivo e com fim aberto, em que é impossível prever os detalhes temáticos ou o espaço de tempo, mas onde o facilitador deve observar atentamente quando e como estes aparecem. Em geral, o factor central que impulsiona as intervenções centradas nas pessoas é a percepção comum com as comunidades, e.g.,o conhecimento sobre o que as pessoas fazem e porquê. No processo VCAC, a participação pode ser considerada como um meio para ajudar os actores locais a ter mais controlo sobre o conhecimento e os recursos, de modo a serem capazes de promover os interesses individuais e colectivos por si próprios bem como em acordos colaborativos (por exemplo com outras entidades no seu ambiente favorável ao empoderamento (enabling environment) tais como os governos locais)

Contudo, o tempo e planos pré-determinados ditam, com frequência, processos supostamente participativos. Diferentes tipos de participação são resumidos abaixo. A VCAC encoraja os utilizadores a considerarem cuidadosamente os tipos de participação que estão a promover, e a esforçar-se por usar os que dão ênfase ao empoderamento.

- **Participação Passiva:** As pessoas participam ao serem informadas sobre o que foi decidido ou já aconteceu. A informação partilhada pertence apenas aos profissionais externos.
- **Participação através de Consulta:** As pessoas participam ao serem consultadas ou respondendo a perguntas. O processo não permite nenhuma quota-parte na tomada de decisões e os profissionais não têm a obrigação de levar em consideração os pontos de vista das pessoas.
- **Participação por Incentivos:** As pessoas participam em troca de comida, dinheiro ou outros incentivos materiais. As pessoas não têm interesse em dar continuidade às técnicas ou práticas uma vez terminados os incentivos.

- **Participação Funcional:** A participação é vista pelas agências externas como um meio para alcançarem os seus objectivos, sobretudo custos reduzidos. As pessoas participam formando grupos para alcançar objectivos pré determinados.
- **Participação Interactiva:** As pessoas participam em análises conjuntas, desenvolvimento de planos de acção e formação ou fortalecimento de grupos locais ou instituições. As metodologias de aprendizagem são usadas para procurar perspectivas múltiplas e os grupos determinam como é que os recursos disponíveis são usados.
- **Auto Mobilização e Elos de Ligação:** As pessoas participam tomando iniciativas de forma independente para mudar sistemas. Desenvolvem contactos com instituições externas para obter recursos e assessoria técnica de que necessitam, mas mantêm o controlo sobre como usar os recursos.<sup>14</sup>

## Compilar e Analisar a Informação

Após completar o trabalho de campo, as equipas devem rever a informação recolhida para identificar lacunas na informação conseguida. Podem ser necessárias entrevistas para acompanhamento ou pesquisa adicional para preencher as lacunas.

As equipas de campo da mesma comunidade devem juntar-se para analisar a informação conseguida. Comparar os resultados para diferentes grupos dentro das comunidades é uma parte importante do processo pois isto permite apreciações da vulnerabilidade diferencial. A análise pode expor desigualdades na comunidade que podem não ter sido reconhecidas anteriormente. Podem ser necessárias discussões de acompanhamento ou entrevistas com grupos particularmente vulneráveis para perceber as dinâmicas da comunidade ou família.

Uma vez analisada a informação de uma determinada comunidade, pode ser útil para as equipas que trabalharam em comunidades diferentes, juntarem-se para identificar tendências, aspectos em comum, diferenças e avaliar o processo.

A informação da comunidade deve ser combinada com a informação conseguida usando outras ferramentas, de forma a responder aos guiões.

## Validar a Análise

Depois de a análise preliminar dos dados ter sido concluída, as constatações devem ser apresentadas aos representantes da comunidade para confirmar a validade das conclusões. Sugere-se uma abordagem de dois passos para o processo de validação. O primeiro passo seria apresentar a análise aos grupos focais da comunidade a fim de assegurar que as conclusões tiradas são correctas. A seguir, recomenda-se que os resultados sejam apresentados a um grupo mais amplo da comunidade e a organizações locais para facilitar o diálogo sobre questões que tenham sido levantadas por determinados grupos em particular, e que possam ter implicações para os outros grupos. Isto constitui uma oportunidade especial para consciencializar outros grupos da comunidade sobre os pontos de vista de grupos vulneráveis específicos. Note-se que pode haver sensibilidade à volta de algumas das questões levantadas por diferentes grupos e os facilitadores devem estar preparados para resolver os conflitos que possam surgir. Deve também assegurar-se que a partilha de pontos de vista não traga consequências negativas para quaisquer membros da comunidade. Acções locais podem providenciar orientação sobre isto.

O retorno (*feedback*) dos interessados deve ser incorporado na análise final.

## Documentar e Disseminar a Análise

A documentação é uma componente chave do processo VCAC. Se a análise for usada para o desenho de um projecto, documentar o processo e a análise ajudará a assegurar que no futuro, a base para a tomada de decisões sobre o projecto é clara. Pode também ser útil integrar a análise VCAC na M&A do projecto. Se for o caso, a análise inicial faria parte da linha de base (baseline) do projecto. Finalmente, este tipo de análise pode ser muito útil para outros interessados a trabalhar na área do projecto, incluindo autoridades do governo local, outras ONGs e as próprias comunidades. O relatório do processo VCAC deve ser partilhado com estes outros actores para ajudá-los a integrar a adaptação à mudança climática no seu trabalho.

A seguir sugere-se um esboço para o relatório sobre uma análise VCAC:

### Processo VCAC

- Providenciar detalhes sobre o processo realizado em geral: espaço de tempo, número de membros da equipa de análise, objectivos da análise, etc.
- Anotar as fontes de informação secundária e os nomes dos informantes chave (se estes concordarem em ser identificados. De contrário, anote apenas o número de pessoas entrevistadas), etc.

<sup>14</sup> Pretty, Jules, 1995. Tipologia da Participação. Aprendizagem Participativa para Agricultura Sustentável em Desenvolvimento Mundial, Vol 23, nº8.

- Providenciar detalhes sobre a pesquisa participativa: número de discussões com os grupos focais, localização, número e características dos participantes, nomes e designações dos facilitadores, etc.
- Descrever o processo de interpretação e validação da análise.

### **Contexto do Clima**

- Providenciar análise da integração das questões da mudança climática em políticas e programas relevantes;
- Identificar riscos climáticos actuais (eventos e condições) que as áreas alvo enfrentam (país, região, comunidade);
- Descrever como é que os riscos climáticos (eventos e condições) podem provavelmente mudar com base nas previsões disponíveis sobre mudança climática.
- Documentar as observações da comunidade sobre mudança climática.

### **Articulações Meios de Subsistência - Clima**

- Providenciar análise da contribuição das políticas sectoriais relevantes para a resistência;
- Identificar grupos de meios de subsistência ou sectores económicos vulneráveis;
- Identificar os recursos importantes para os meios de subsistência e adaptação;
- Descrever o impacto dos riscos climáticos actuais e futuros (incluindo a mudança nas condições) nos recursos e meios de subsistência;
- Identificar estratégias de enfrentar (*"coping strategies"*) conhecidas e avaliar a sua eficácia e sustentabilidade.

### **Mudança nos Riscos de Desastre**

- Providenciar análise dos riscos de desastre actuais e futuros (relacionados e não relacionados com o clima);
- Providenciar uma análise das políticas de gestão do risco de desastre;
- Descrever e avaliar a monitoria e sistemas de disseminação da informação sobre o risco de desastre;
- Descrever e avaliar a capacidade a nível nacional, local e da comunidade para responder a desastres, incluindo a avaliação das respostas anteriores;
- Providenciar análise da vulnerabilidade da família/indivíduos, aos perigos.

### **Contexto Institucional Relativo à Mudança Climática**

- Descrever as estruturas do governo para tratar da mudança climática;
- Descrever e avaliar a capacidade das instituições relevantes para integrar considerações sobre mudança climática no seu trabalho;
- Providenciar análise das articulações entre políticas nacionais e implementação local;
- Providenciar análise da alocação de recursos para actividades relativas à adaptação ao nível nacional e local

### **Causas Fundamentais da Vulnerabilidade**

- Providenciar análise do impacto das políticas e programas sobre o acesso e o controlo dos recursos essenciais dos meios de subsistência;
- Providenciar análise dos impactos das políticas e programas nas mulheres e outros grupos marginalizados;
- Descrever e avaliar a participação (particularmente dos grupos vulneráveis) nas decisões sobre as políticas ao nível nacional e local;
- Providenciar análise das desigualdades que exacerbam a vulnerabilidade, nas comunidades ou famílias (tais como acesso ao serviços, controlo sobre os recursos, mobilidade, etc.)

Para além de partilhar o relatório escrito, pode ser útil realizar um seminário ou reunião para apresentar os resultados validados pela comunidade às organizações governamentais e não governamentais tanto locais como nacionais, particularmente as que não tiverem sido envolvidas na análise. Ideal seria que a informação fosse apresentada por representantes da comunidade para demonstrar o sentido de pertença (*ownership*) do processo e para facilitar o diálogo entre as comunidades e outros interessados. Uma vez mais os facilitadores devem estar preparados para conflitos à volta de questões sensíveis, e devem trabalhar com os actores locais para facilitar o diálogo construtivo.



# Usar a Análise

Os resultados da VCAC dão-nos apreciações sobre as questões institucionais e das políticas, que constroem a capacidade das comunidades vulneráveis se adaptarem à mudança climática. Também nos ajudam a perceber as desigualdades nas comunidades e famílias que tornam certos grupos ou pessoas mais vulneráveis. Finalmente, dão-nos relatos, em primeira mão, dos impactos da mudança climática nas pessoas vulneráveis.

O quadro para ABC apresentado na página 10 providencia uma visão geral dos factores favoráveis que devem existir de modo a que a adaptação aconteça. A fim de aumentar a capacidade adaptativa devem ser realizadas acções que facilitem o alcance destas condições. Isto pode ocorrer através de advocacia sobre questões da mudança climática, através da integração das questões da vulnerabilidade à mudança climática em programas de outros sectores ou através de programas de adaptação alvo.

## Advocacia de Adaptação

Uma abordagem para a adaptação baseada nos direitos requer que questionemos as políticas existentes e as estruturas do poder a fim de facilitar a adaptação pelas pessoas vulneráveis. O entendimento conseguido através da VCAC dá-nos uma plataforma para desenharmos campanhas de advocacia para tratar destes assuntos. Estas campanhas podem ser baseadas localmente e direccionadas a facilitar os direitos das pessoas vulneráveis aos recursos dos meios de subsistência. Podem ser direccionadas ao nível das políticas nacionais que não sustentem a adaptação ou não reconheçam necessidades e prioridades específicas de grupos particularmente vulneráveis. Ou, elas podem ter um enfoque internacional, realçando as consequências do quadro da política internacional sobre mudança climática, para as pessoas vulneráveis. Em qualquer destes casos, a VCAC ajuda-nos a identificar aliados e alvos, a decidir sobre as mensagens e a gerar evidências para as campanhas de advocacia.

## Integrar a Adaptação em Projectos de Desenvolvimento

Integrar ou *“mainstreaming”* (incluir como tendência prevalecte) a adaptação à mudança climática em projectos de desenvolvimento pode aumentar a sustentabilidade e o impacto das intervenções em sectores tais como água, agricultura, meios de subsistência e saúde. Os impactos da mudança climática podem afectar seriamente os resultados de desenvolvimento, fazendo recuar completamente, em alguns casos, os ganhos conseguidos. Ao mesmo tempo, os projectos de desenvolvimento têm o potencial para aumentar a resistência das populações alvo contra uma série de ameaças, incluindo a mudança climática, ou de constangê-la, se desenhados de forma incorrecta.

Quando falamos em integrar a adaptação ao nível do projecto, estamos a descrever o processo de levar em consideração os riscos climáticos para os projectos de desenvolvimento, e de ajustar as actividades do projecto e abordagens a fim de lidar com aqueles riscos. A suposição é que o projecto tem uma finalidade relativa à redução da pobreza, segurança dos meios de subsistência ou aumento do bem-estar das populações alvo, e que a sustentabilidade e o impacto da iniciativa pode ser aumentado através da integração da mudança climática. Isto é diferente de um projecto seleccionado de adaptação com base na comunidade onde a finalidade explícita é reduzir a vulnerabilidade à mudança climática.

Integrar a adaptação permite alcançar dois objectivos principais:

- Reduzir os riscos decorrentes da mudança climática para as actividades do projecto, interessados e resultados, às vezes referidos como *“à prova do clima”*.
- Assegurar que as actividades do projecto reduzem a vulnerabilidade das populações alvo à mudança climática através de intervenções desenhadas para desenvolver a sua capacidade adaptativa ao mesmo tempo que se alcançam os objectivos de desenvolvimento.<sup>15</sup>

*“À prova do clima” (climate proofing)* está principalmente interessado em proteger os investimentos e os resultados das iniciativas de desenvolvimento dos impactos da mudança climática. Isto aumenta a sustentabilidade dos projectos através da análise dos riscos que advêm da mudança climática para as actividades do projecto, interessados e resultados e através dos ajustamentos feitos ao desenho do projecto ou plano de implementação para mitigar tais riscos.

O segundo objectivo de integrar a adaptação nos projectos reconhece que actividades que tenham por fim reduzir a pobreza podem inadvertidamente aumentar a vulnerabilidade da população alvo e que, ajustamentos nas actividades e abordagens do projecto podem permitir um maior aumento da capacidade adaptativa. Através da análise da vulnerabilidade das populações alvo à mudança climática e do ajustamento das actividades do projecto para maximizar a sua contribuição para a capacidade adaptativa, o impacto dos projectos de desenvolvimento pode ser aumentado de forma significativa.

<sup>15</sup> Klein, R.J.T et al. 2007. Monitoria do “Portfolio” para Apoiar a Integração da Adaptação à Mudança Climática na Assistência ao Desenvolvimento. Documento de Trabalho 102 do Centro Tyndall. Centro Tyndall para Pesquisa da Mudança Climática, Universidade de East Anglia, Norwich

De salientar que nalgumas áreas há uma grande incerteza nas previsões dos impactos da mudança climática. Quando assim for, as acções de adaptação devem dar enfoque a abordagens “de não lamentação” que aumentarão a capacidade de se adaptar a uma série de cenários prováveis. Por outro lado, nenhum projecto será verdadeiramente “à prova do clima”. O melhor que se pode fazer é perceber a série de riscos a que o projecto pode estar exposto, dar o nosso melhor para mitigar e monitorar esses riscos, e adaptar regularmente os parâmetros do projecto conforme as condições mudam ou a nossa compreensão melhora.

Para projectos ao nível da comunidade a ferramenta mais útil para integrar a adaptação é a *Ferramenta para Monitoria de Risco com Base na Comunidade – Adaptação e Meios de Subsistência: CRiSTAL (Community-based Risk Screening Tool – Adaptation & Livelihoods)*. CRiSTAL foi desenhada para ajudar os planificadores e gestores de projectos a integrar a redução do risco e adaptação à mudança climática nos projectos de meios de subsistência. Desenvolvido pelo Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (IIDS) em parceria com a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), o Instituto do Ambiente e Intercooperação de Estocolmo (IAIE), a ferramenta foi desenhada para ajudar os usuários a perceber sistematicamente as ligações entre meios de subsistência locais e riscos climáticos, avaliar o impacto do projecto na capacidade adaptativa ao nível da comunidade e fazer ajustamentos para melhorar o impacto do projecto na capacidade adaptativa. A ferramenta é bastante compatível com a VCAC. A informação conseguida a partir da VCAC pode alimentar directamente a CRiSTAL o que facilita a análise das implicações para as actividades do projecto.

A ferramenta CRiSTAL pode ser baixada (downloaded) em: [www.cristaltool.org](http://www.cristaltool.org).

### PARA MIAS INFORMAÇÃO

Para além de CRiSTAL há várias outras ferramentas e metodologias disponíveis para apoiar a integração da adaptação em programas de desenvolvimento tanto ao nível do projecto como da planificação estratégica.

Para um resumo das ferramentas da adaptação climática, ver: [http://www.iisd.org/pdf/2007/sharing\\_climate\\_adaptation\\_tools.pdf](http://www.iisd.org/pdf/2007/sharing_climate_adaptation_tools.pdf)

## Projectos de Adaptação com Base na Comunidade

Nalguns contextos, a acção direccionada à adaptação pode ser a melhor abordagem. Um projecto de adaptação com base na comunidade (ABC) é aquele cujo objectivo explícito é reduzir a vulnerabilidade à mudança climática. De acordo com o quadro (ABC), a acção sobre a adaptação deve ter como alvo níveis múltiplos e incorporar uma série de estratégias diferentes. As secções abaixo apresentam exemplos do tipo de actividades que podem ser levadas a cabo num projecto (ABC) a fim de incluir os “factores favoráveis” para a adaptação. Repare que estes são simplesmente exemplos – podem não ser apropriados em todos os contextos e não representam uma visão geral exaustiva dos tipos de actividade que a adaptação inclui. Conforme referido acima quando as consequências potenciais da mudança climática não são claras, a melhor abordagem é dar enfoque a acções que aumentarão a capacidade de se adaptar em face da incerteza.

### Nível Nacional

Políticas e programas nacionais podem desempenhar um papel importante na determinação da capacidade adaptativa ao nível local: Para que as políticas para a adaptação sejam justas e eficazes, a tomada de decisões no desenho e implementação de actividades de adaptação deve ser inclusiva e transparente, com uma participação activa e significativa dos grupos vulneráveis. Consequentemente, os projectos de adaptação com base na comunidade podem e devem empenhar-se em influenciar o desenvolvimento e implementação de políticas e programas relativos à adaptação. Os projectos ABC podem também facilitar o fluxo de informação de dois sentidos, entre o nível da comunidade e o nível nacional, a fim de assegurar que as pessoas locais têm acesso à informação necessária para a adaptação, e que as decisões nacionais assentam na realidade local.

O quadro abaixo dá exemplos dos tipos de actividade que ao nível nacional podem apoiar a adaptação com base na comunidade.

<b>Criar um Ambiente Favorável ao Empoderamento para ABC Nível Nacional</b>	
<b>Meios de Subsistência Resistentes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Resumir dados climáticos em formato fácil de usar (user friendly);</li> <li>• Disseminar informação sobre mudança climática aos actores sectoriais;</li> <li>• Rever as políticas sectoriais nacionais com uma “lente” climática;</li> <li>• Integração das questões da vulnerabilidade climática nas estratégias de redução da pobreza e/ou outros planos de desenvolvimento.</li> </ul>
<b>Redução do Risco de Desastre</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio à planificação para a gestão do risco de desastre;</li> <li>• Desenvolver a capacidade dos actores da gestão do risco de desastre sobre mudança climática;</li> <li>• Apoiar a criação de sistemas de aviso prévio;</li> <li>• Desenvolver a capacidade do governo para responder a desastres</li> </ul>



<b>Desenvolvimento da Capacidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mapear a capacidade de adaptação à mudança climática entre as instituições nacionais;</li> <li>• Apoiar a divulgação das políticas nacionais ao nível regional e local;</li> <li>• Advogar para uma tomada de decisões inclusiva e transparente sobre adaptação;</li> </ul>
<b>Tratar das Causas Fundamentais da Vulnerabilidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumentar a consciência sobre a vulnerabilidade das mulheres e outros grupos marginalizados à mudança climática;</li> <li>• Fortalecer o envolvimento da sociedade civil na planificação para adaptação</li> <li>• Apoiar a advocacia pelos direitos das pessoas vulneráveis</li> </ul>

## Adaptação em Acção: Advocacia para o Direito à Água Potável no Bangladesh

No Bangladesh a análise do contexto nacional feita pela CARE, combinada com dados de pesquisa participativa levou ao enfoque lógico de que o direito a água potável seria a componente de advocacia do projecto. Água potável é já um desafio sério na área, e os impactos da mudança climática apenas irão exacerbar o problema. A finalidade da campanha era conseguir que o governo providenciasse água potável às populações vulneráveis e tratar do problema da intrusão salina na parte sudoeste do país. A CARE e o seu parceiro da sociedade civil, o Comité Pani, lançaram uma campanha nas zonas rurais para mobilizar o apoio dos cidadãos para esta questão. Isto foi um esforço multifacetado envolvendo inúmeras actividades incluindo um abaixo-assinado para o Primeiro-ministro, que chegou a 10.000 cartas dos residentes a descrever a sua luta para ter acesso a água e exigindo acção para providenciar água potável e comícios distritais que juntaram centenas de residentes e uma greve simbólica a que estiveram presentes líderes políticos nacionais e Membros do Parlamento que pressionaram o governo a agir na crise da água.

Os apelos por água potável tiveram uma audiência receptiva, evidenciada pelos compromissos dos líderes do governo que daí resultaram. Seguindo a acção da CARE, os parceiros e comunidades, o Gabinete do Primeiro-ministro emitiram uma directiva aos ministérios relevantes para tratar da questão da água potável na região sudoeste. Um segundo exemplo do sucesso da campanha é a alocação de recursos pelo Primeiro-ministro, para o departamento de saúde pública trabalhar no abastecimento de água na região. Numa perspectiva estratégica o projecto ilustra como é que os esforços para mobilizar a acção nas zonas rurais e o envolvimento construtivo com os formuladores das políticas podem funcionar e produzir mudança. Através desta colaboração combinada com a capacidade fortalecida das organizações locais parceiras, a CARE e os seus parceiros progrediram na criação de um ambiente favorável ao empoderamento para a adaptação.



Rupantar, parceiro da CARE, apresenta uma canção a dança sobre mudança climática e adaptação num Seminário Nacional em Dhaka, Bangladesh.

O Projecto Reduzir a Vulnerabilidade à Mudança Climática no Bangladesh (RVMC) foi implementado com fundos gratamente recebidos da Agência Canadiana para o Desenvolvimento Internacional (CIDA).

### Nível do Governo Local / da Comunidade

O processo VCAC pode funcionar como um catalisador para o diálogo sobre questões da vulnerabilidade nas comunidades. A abordagem é desenhada para ajudar as pessoas a articularem as suas experiências e tirar conclusões que poderão inspirar a tomada de decisões no futuro. Ver as suas experiências através de uma lente diferente pode levar à identificação de novas abordagens nas suas estratégias dos meios de subsistência ou novas alianças na comunidade para tentar resolver problemas comuns.

O ideal seria que instituições locais (governamentais e não governamentais) se tivessem envolvido no processo de recolher informação e facilitar o diálogo nas comunidades. Se este for o caso, a esperança é que eles ponham a informação sob controlo interno e que ela seja transformada em planos e programas futuros. O processo pode também facilitar articulações entre pessoas vulneráveis e organizações locais que não tinham acontecido antes. Se não foi possível as organizações locais participarem no processo, é importante apresentar os resultados de modo a que sejam úteis para as instituições locais, destacando as prioridades e necessidades dos mais vulneráveis que normalmente podem não ter sido consideradas nos processos de planificação local.

A tabela a seguir sugere actividades que podem ser apropriadas ao nível do governo local e da comunidade.

<b>Criar um Ambiente Favorável ao Empoderamento para ABC Ao Nível do Governo Local/Comunidade</b>	
<b>Meios de Subsistência Resistentes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Simplificar e dar a conhecer aos vários níveis (“scaling down”) as projecções climáticas;</li> <li>- Rever os planos/políticas locais usando a “lente” da mudança climática</li> <li>- Treinamento para o governo local e extensionistas das ONGs em análise da vulnerabilidade e adaptação;</li> <li>- Promover práticas agrícolas resistentes ao clima;</li> <li>- Apoiar a diversificação de rendimentos incluindo estratégias de meios de subsistência não agrícolas.</li> </ul>
<b>Redução do Risco de Desastre</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apoiar a implementação de planos locais de gestão do risco de desastre;</li> <li>- Facilitar a criação de sistemas de aviso prévio localmente apropriados;</li> <li>- Desenvolver a capacidade do governo local e da comunidade para responder a desastres</li> </ul>
<b>Desenvolvimento da Capacidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover processos de planificação participativos ao nível local;</li> <li>- Desenvolver a capacidade das instituições locais para analisar riscos climáticos e planear acções apropriadas;</li> <li>- Criar mecanismos para comunicação de informação sobre o clima.</li> </ul>
<b>Tratar as Causas Fundamentais da Vulnerabilidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apoiar a voz das mulheres e outros grupos marginalizados nos processos de planificação local;</li> <li>- Advocacia para o acesso e controlo sobre os recursos essenciais nas políticas locais</li> </ul>

## Adaptação em Acção: Integrar mudança climática na planificação distrital no Gana

No Gana, a CARE trabalha com comunidades locais para promover a integração das questões da adaptação à mudança climática nos Planos a Médio Prazo (2010-2015) para dois distritos no norte do Gana – East Mamprusi e Bawku. Usando o processo VCAC, foram identificadas questões chave da vulnerabilidade em comunidades alvo, com ênfase particular nos grupos vulneráveis. O processo demonstrou os impactos da mudança climática na região e identificou as cheias, secas e precipitação irregular como as questões chave a que as comunidades têm que fazer face. A análise também produziu informação sobre a vulnerabilidade particular das mulheres, que são as responsáveis por manter o bem-estar da família e que com frequência, são deixadas para trás pelos membros do sexo masculino que emigram em busca de trabalho e que têm um acesso inseguro a recursos importantes tais como a terra. Esta análise está a ser usada como a base para o desenvolvimento de Planos de Acção da Comunidade que identificam as acções prioritárias para reduzir a vulnerabilidade à mudança climática.



Membros seniores da comunidade na Aldeia de Bowku, a Este do Distrito de Manprusi, Gana, debatem como é que a mudança climática está a afectar os seus meios de subsistência e como estão a agir.

O projecto combina abordagens de baixo para cima e de cima para baixo através do fortalecimento da capacidade das comunidades de comunicar as suas necessidades e prioridades aos decisores, ao mesmo tempo que trabalham com os funcionários distritais para promover processos de planificação participativos. O projecto está a dar uma ênfase particular para garantir que as mulheres desempenhem um papel de liderança na governação local, promovendo o seu envolvimento nos Conselhos de Área e organizações comunitárias de base e o fortalecimento da sua capacidade para advogar os direitos das mulheres.

Os resultados esperados do projecto são Planos Distritais que incorporem as prioridades das pessoas vulneráveis para a adaptação à mudança climática e o aumento da capacidade para adoptar uma abordagem participativa na governação local. Promover acções de nível distrital para reduzir a vulnerabilidade ao mesmo tempo que se lida com algumas desigualdades sistemáticas que aumentam a vulnerabilidade das mulheres, desenvolverá a capacidade adaptativa para lidar com impactos climáticos futuros.

O Projecto Respostas de Uso de Terra Comunitária à Mudança Climática (RUTCMC) é implementado com o apoio da CIDA, Agência de Parceria Canadiana

## Nível da Família / Indivíduo

Apesar da natureza global dos desafios da mudança climática, os seus impactos são localmente específicos. O processo VCAC é desenhado para desenvolver a compreensão dos impactos locais e da capacidade adaptativa existente. A tabela a seguir apresenta exemplos de intervenções que podem contribuir para criar capacidade adaptativa de indivíduos e famílias vulneráveis.

<i>Acções ABC</i> <i>Nível da Família/Indivíduo</i>	
<i>Meios de Subsistência Resistentes</i>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Promover práticas agrícolas resistentes ao clima;</li><li>• Apoiar a diversificação dos meios de subsistência incluindo estratégias de meios de subsistência não agrícolas;</li><li>• Criar capacidade para analisar riscos;</li><li>• Promover a poupança e desenvolver capacidade para planificar a gestão do risco.</li></ul>
<i>Redução do Risco de Desastre</i>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Criar bancos de alimentos e sementes em locais fora de perigo;</li><li>• Melhorar abrigos para resistir aos perigos;</li><li>• Fortalecer o acesso a avisos prévios;</li><li>• Facilitar a planificação da evacuação;</li><li>• Proteger os bens.</li></ul>
<i>Desenvolvimento da Capacidade</i>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Fortalecer esquemas de protecção social;</li><li>• Facilitar o acesso a serviços financeiros;</li><li>• Desenvolver conhecimento e habilidades em estratégias de adaptação;</li><li>• Facilitar o acesso a informação sobre o clima.</li></ul>
<i>Tratar das Causas Fundamentais da Vulnerabilidade</i>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Empoderamento das mulheres e outros grupos marginalizados;</li><li>• Promover a divisão equitativa do trabalho nas famílias;</li><li>• Advocacia sobre direitos aos recursos dos meios de subsistência.</li></ul>

## Adaptação em Acção: Segurança alimentar num clima em mudança no Tajikistan

Para entender melhor a complexidade dos impactos da mudança climática no montanhoso Tajikistan, a CARE usou um processo participativo para determinar como é que os riscos relacionados com o clima estavam a afectar o bem-estar dos residentes. As principais mudanças observadas pelas famílias examinadas incluíam o aumento da quantidade de neve, a mudança e prolongamento do inverno e chuvas cada vez mais irregulares. Todas estas observações estão de acordo com os dados meteorológicos da área o que providencia uma excelente abertura para introduzir o tema mudança climática nas comunidades alvo.

Munidos de um entendimento claro dos impactos climáticos nos meios de subsistência das famílias, o projecto identificou as estratégias de adaptação, ao nível da família, com maiores probabilidades de reduzir o impacto de choques e pressões relacionadas com o clima. Quando desenhamos as estratégias de adaptação, colocamos o enfoque nas mulheres por causa da sua contribuição essencial ao bem-estar da família e pela sua maior vulnerabilidade.

Foram distribuídos “cold frames” às famílias especialmente vulneráveis nas comunidades alvo. Estas simples estruturas de madeira e vidro actuam como estufas em pequena escala para cultivar ervas e vegetais. São ideais para salsa, manjeriço, cebolinha, rabanetes, cenouras, pimentos, tomates, pepinos, repolhos e nabos – mesmo morangos. Ao proteger os viveiros do tempo inclemente, os “cold frames” ajudam os membros da comunidade a começar os viveiros mais cedo na primavera e a aumentar a estação de crescimento. Algumas famílias estão a cultivar com sucesso vegetais resistentes ao frio, tais como verduras, durante todo o ano chegando a ter até quatro colheitas por ano. O projecto também ofereceu treinamento e apoio técnico para preservação dos alimentos. O resultado é um aumento da segurança alimentar para as famílias vulneráveis durante a difícil estação do inverno.

A CARE está grata à Agência Internacional de Desenvolvimento do Canadá (CIDA) por apoiar o Projecto Adaptação à Mudança Climática (AMC)



Na Aldeia de Panjhok, no centro do Tajikistão, uma mulher mostra um frasco de conserva de vegetais, para providenciar alguma variedade alimentar durante a longa estação do inverno.

## PARA MAIS INFORMAÇÃO

O Mecanismo de Aprendizagem da Adaptação é uma plataforma colaborativa de partilha de conhecimento com uma vasta gama de recursos incluindo perfis dos países, estudos de caso e lições aprendidas.

<http://www.adaptationlearning.net/>

Nós ADAPTAMOS (WeADAPT) é uma plataforma online que oferece várias ferramentas inovativas para ajudar os usuários a ter acesso, partilhar e sintetizar conhecimentos sobre adaptação

<http://www.weadapt.org/>

O Elo?? (Linking)?? Rede de Adaptação Climática é uma comunidade online de profissionais e pesquisadores sobre adaptação à mudança climática

<http://community.eldis.org/.599266eb/>

O Programa de Trabalho de Nairobi sobre impactos, vulnerabilidade e adaptação à mudança climática desenvolveu um compêndio sobre métodos e instrumentos bem como um interface de práticas de adaptação.

[http://unfccc.int/adaptation/sbsta\\_agenda\\_item\\_adaptation/items/3633.php](http://unfccc.int/adaptation/sbsta_agenda_item_adaptation/items/3633.php)

O Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (IIDS) tem instrumentos úteis e análises das políticas sobre mudança climática.

<http://www.iisd.org/climate/vulnerability/>

O website do Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (IIDS), inclui sínteses e análises úteis sobre questões da adaptação à mudança climática.

<http://www.ids.ac.uk/go/browse-by-subject/climate-change>

O Instituto Internacional para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (IIAD) produz comentários e análises sobre mudança climática

<http://www.iiad.org/CC/index.html>

O Centro Climático da Cruz Vermelha /Crescente Vermelho produziu um guia útil para ajudar as comunidades a se prepararem para a mudança climática

[http://www.climatecentre.org/index.php?page=news\\_ext&pub\\_id=85&type=4&view=more](http://www.climatecentre.org/index.php?page=news_ext&pub_id=85&type=4&view=more)

## Pesquisa Adicional

A pesquisa participativa é válida para recolher informação, para compreender uma série de percepções e desenhar intervenções a nível local que podem ajudar centenas de pessoas. Contudo, é demorada e não pode facilmente ser generalizada para outros locais. A pesquisa participativa por si só raramente é suficiente para influenciar as políticas nacionais ou convencer os decisores a mudar coisas que podem afectar milhões de pessoas. Os resultados podem ser vistos como “apenas histórias” ou anedotas.

Para alargar o nosso entendimento de diferentes situações, e para fortalecer a nossa capacidade de influenciar as políticas e programas mais amplamente, a pesquisa participativa pode constituir a base para o desenho de estudos em larga escala, baseados em levantamentos. As informações e percepções conseguidas através do uso dos guiões e das ferramentas descritas acima, pode ajudar-nos a estimular o nosso pensamento e a identificar questões mais específicas que podem ser usadas em levantamentos abrangendo muitas pessoas em numerosos de locais. Isto pode melhorar a nosso entendimento das várias formas como a mudança climática pode afectar diferentes partes do país. Estas perspectivas mais amplas podem ser valiosas como a base para influenciar uma série de políticas e práticas nacionais que têm impacto em milhões de pessoas, tais como a pesquisa para a agricultura e prioridades de desenvolvimento, padrões para uso de água de superfície ou desenvolvimento de infra-estrutura para áreas densamente povoadas.





## Guias de Campo para Instrumentos Participativos



# GUIA DE CAMPO 1: Sugestões para Facilitação

## *Antes de ir à Comunidade*

### *Planeie cuidadosamente*

- Informe-se acerca dos antecedentes antes de ir ao campo. Tenha em mente a história da comunidade ou do grupo, conflitos passados e presentes e dinâmicas de poder que podem vir a revelar-se importantes na selecção dos grupos focais ou na facilitação do diálogo.
- Prepare a agenda para as visitas à comunidade. A agenda deve assegurar que os participantes possam movimentar-se ao seu próprio ritmo mas que a distância necessária seja coberta no espaço de tempo disponível.
- Informe-se sobre os níveis de alfabetização, se possível com antecedência, para que possa planejar exercícios adequados
- Não se esqueça de dar tempo para clarificações, perguntas e respostas, discussão e “momentos de aprendizagem”.
- Tenha em mente que os membros da comunidade têm os seus afazeres e portanto as visitas devem ser curtas, e tanto quanto possível, espaçadas de modo a não usar demasiado do tempo dedicado às suas actividades de rotina.
- Planifique para providenciar um lanche se for apropriado.
- Tome a decisão sobre grupos focais
- Certifique-se que os facilitadores dominam os dialectos locais

### *Granjeie apoio dos líderes comunitários*

- Explique o propósito do trabalho de campo e obtenha a sua permissão para trabalhar na comunidade.
- Pode ser vantajoso ter uma reunião preparatória com os interessados locais incluindo os líderes comunitários, representantes do governo local, OCBs e outras organizações locais para explicar a abordagem e os seus benefícios bem como planejar o calendário das visitas à comunidade.
- Reveja a agenda com os interessados para clarificar os objectivos, o tempo necessário e o local onde as discussões vão ter lugar (certifique-se que o local é adequado, acessível e confortável para as mulheres e outros membros da comunidade com mobilidade reduzida).
- Chegue a acordo sobre os grupos focais. Se houver facilitadores em número suficiente pode ser vantajoso ter sessões coincidentes na mesma comunidade de modo a permitir que participantes de grupos diferentes se expressem livremente sem a preocupação de serem ouvidos pelos outros grupos.
- Decida como é que a informação sobre as discussões nos grupos focais será comunicada aos participantes.
- Chegue a acordo sobre quem irá apresentar os facilitadores à comunidade

### *Esteja preparado*

- Assegure-se que todos os membros da equipa de análise concordam com os objectivos das visitas à comunidade
- Todos os facilitadores devem ter um bom conhecimento dos instrumentos e metodologia analítica. Pode ser útil praticar o uso dos instrumentos antes de ir às comunidades.
- Se estão a trabalhar como uma equipa de facilitadores, decidam quem facilitará que partes da agenda e quem tomará notas
- A equipa de facilitação deve incluir homens e mulheres que devem ser treinados em facilitação sensível ao género. Nalguns contextos é muito importante ter facilitadores do sexo feminino a trabalhar com grupos de mulheres para melhorar o conforto.
- Decida com os co-facilitadores como é que conceitos tais como, perigo, recursos dos meios de subsistência, etc., serão descritos nas línguas locais. Note que o conceito de mudança climática pode ser difícil de explicar. Os membros da comunidade podem sentir-se mais à vontade falando sobre as estações do ano, sobre o tempo, sobre o meio ambiente, etc.

### *Esteja preparado para gerir conflitos*

- O processo pode trazer à tona questões de desigualdade que devem ser tratadas de modo a reduzir a vulnerabilidade. Os facilitadores devem lidar com estas questões de forma cuidadosa uma vez que em geral há níveis de poder e influência estabelecidos nas comunidades ou entre as comunidades e outros grupos

- Ter conhecimentos sobre técnicas de resolução de conflitos ajudará os facilitadores a gerir o processo caso surjam conflitos.
- Envolver uma vasta gama de interessados na recolha e análise da informação pode ajudar a mitigar conflitos.

***Certifique-se que tem os materiais de que precisa***

***Que podem incluir:***

- Papel gigante (papel *flipchart*)
- Marcadores de várias cores
- Papel colorido
- Fita adesiva
- Materiais locais tais como pedras, paus, sementes, etc.
- Gravador
- Máquina fotográfica para documentar o processo (certifique-se que é culturalmente apropriado)
- Bloco de notas e painel
- Lanche/almoço/água (dependendo da duração da reunião e do local onde esta vai ter lugar)



Um participante no Nepal, marca a classificação do grupo na Matriz de Vulnerabilidade enquanto o facilitador observa.

## ***Durante as discussões com os grupos focais***

### ***Gira as expectativas***

- É importante gerir as expectativas durante o trabalho de campo. Com frequência as comunidades já passaram por várias avaliações de diferentes projectos e podem estar na expectativa de que o trabalho de campo venha a resultar num projecto ou programa.
- Os facilitadores devem estar conscientes deste facto tanto porque isto pode influenciar as questões levantadas durante as discussões e também para assegurar que não estejam sendo levantadas expectativas para projectos de acompanhamento.

### ***Crie e mantenha um espaço 'seguro' e de confiança***

- Peça a um membro da confiança da comunidade ou um representante local para apresentar a equipa
- Seja gentil e dê as boas vindas
- Dê oportunidade a todos de se apresentarem
- Peça permissão para fotografar ou gravar em vídeo mas abstenha-se caso os participantes se sintam incomodados com o facto
- Providencie um lanche se for apropriado
- Valorize os conhecimentos e experiência dos participantes
- Interrompa qualquer "ataque"
- Admita e corrija os seus erros
- Seja imparcial
- Dê tempo para que os participantes possam fazer perguntas

### ***Anime e equilibre a participação***

- Assegure que o local é favorável à participação
- Estabeleça regras de base com os participantes
- Explique o processo e certifique-se que todos compreendem as instruções e questões
- Dê apoio aos que são tímidos e com gentileza cale os que se evidenciam demasiado ou que se considerem "especialistas"
- Faça com que as pessoas conduzam o processo (e.g. desenhando eles próprios o mapa; colocando símbolos na matriz)
- Permita que os participantes levantem questões mas mantenha o processo sob controlo. Certifique-se que está a agir suficientemente rápido de forma a cobrir os assuntos previstos no espaço de tempo alocado.
- Dê mais informação se a discussão estiver lenta mas não tente influenciar os participantes

### ***Termine de forma elegante***

- Explique quais são os próximos passos
- Marque uma data para voltar e validar a análise
- Agradeça ao grupo pela sua participação e dê oportunidade para fazer perguntas
- Se os participantes quiserem ficar com os produtos resultantes das discussões dos grupos focais (e.g. mapas de riscos), faça uma cópia e deixe ficar o original

## GUIA DE CAMPO 2: Mapeamento de Perigos

### Objectivos

- Conhecer a comunidade e ver a percepção do local de diferentes grupos na comunidade
- Identificar recursos de subsistência importantes e quem tem acesso a e controlo sobre eles
- Identificar áreas e recursos em risco de perigos climáticos
- Analisar alterações nos perigos e planear a redução do risco

### Como Facilitar

Esta actividade terá a duração aproximada de 1 hora e 30 minutos incluindo discussão: 45 minutos para o mapa e 45 para discussão.

1. Explicar aos participantes que gostaria de fazer um mapa da sua comunidade.
2. Escolher um sítio (terra, chão, papel) e meios (paus, pedras, sementes, lápis, giz) adequados para o mapa. Se o mapa for feito no chão ou na terra, o anotador terá de copiar o mapa para um quadro de folhas móveis (*flipchart*) ou para o seu livro de apontamentos. Uma fotografia também pode ser útil. Em primeiro lugar, faça o mapa comunitário.
3. Pedir aos membros da comunidade para identificarem um ponto de referência na comunidade.
4. Pôr uma marca ou pedra para representar o ponto de referência. NOTA: O facilitador deve ajudar os participantes a começar mas deve deixá-los desenhar o mapa sozinhos.
5. Pedir aos membros da comunidade para desenharem os limites da comunidade.
6. Pedir aos membros da comunidade para desenharem a localização de áreas de assentamentos, serviços importantes e recursos na comunidade. Isto deve incluir casas (o mapa não precisa de mostrar todas as casas, mas a área geral onde as casas estão localizadas), igrejas/mesquitas, postos de saúde, escolas e recursos tais como áreas arborizadas e massas de água.
7. Depois dos membros da comunidade concordarem que o mapa é representativo da sua comunidade, comece o Segundo passo: identificar os perigos.
8. Pedir aos membros da comunidade para identificarem as áreas em risco de diferentes tipos de perigos. Estes devem incluir:
  - a. Desastres naturais
  - b. Crises de saúde tais como HIV/SIDA ou malária
  - c. Questões socio-políticas tais como conflitos ou redistribuição de terra, etc.

Os perigos mencionados que não são específicos ao local devem ser anotados no relatório.

### Aprendizagem e Discussão

Quando o mapa estiver completo, fazer as perguntas seguintes aos membros do grupo:

- Quem tem acesso aos recursos indicados no mapa? Quem controla este acesso?
- Quais são os impactos dos perigos identificados?
- Os perigos são diferentes agora em comparação com há 10/20/30 atrás (dependendo da idade dos participantes)? Como?
- Existem locais na comunidade que estão seguros dos perigos?
- Esses locais seguros são usados para protecção dos perigos (por exemplo para armazenar comida e insumos, ou para abrigar o gado)?
- Quem são os membros da comunidade que estão mais em risco dos diferentes perigos? Porquê?
- Como é que as pessoas na comunidade lidam actualmente com os impactos dos perigos específicos identificados? As estratégias para enfrentar os perigos actuais estão a funcionar? São sustentáveis?



## Comunicar a Mudança Climática

Durante a discussão, tome note das observações feitas pela comunidade que estão em linha com os dados meteorológicos disponíveis para a região, e comunique esta informação de forma a validar as suas observações. Isto pode fornecer uma abertura para apresentar as tendências futuras previstas para os perigos específicos que foram identificados.

O anotador deve transcrever os pontos-chave da discussão com atenção.



©CARE/Angie Dazé/2007

Um Mapa de Calamidades/Perigos ? para a Aldeia de Bansi no Norte do Gana, mostrando os recursos chave na aldeia e os perigos/calamidades ? que os afectam.

ADAPTADO DE:

*Community-Based Disaster Risk Management Field Practitioners' Handbook*, Imelda Abarquez e Zubair Murshed, Asian Disaster Preparedness Center (2004). <http://www.adpc.net/PDR-SEA/publications/12Handbk.pdf>

*Make that change: community-based disaster management*, International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies (sem data).

[http://www.proventionconsortium.org/themes/default/pdfs/CRA/IFRC2003\\_meth.pdf](http://www.proventionconsortium.org/themes/default/pdfs/CRA/IFRC2003_meth.pdf)

## GUIA DE CAMPO 3: Calendário Sazonal

### Objectivos

- Identificar períodos de stress, perigos, doenças, fome, dívida, vulnerabilidade, etc.
- Compreender os meios de subsistência e as estratégias para enfrentar os perigos
- Analisar alterações nas actividades sazonais
- Avaliar o uso da informação climática para a planificação

### Como Facilitar

Esta actividade terá a duração aproximada de 1 hora e 15 minutos incluindo a discussão: 30 minutos para o calendário e 45 minutos para a discussão.

1. Use terra ou folhas de papel grandes. Assinale os meses do ano no eixo horizontal.
2. Explicar aos participantes que gostaria de desenvolver um calendário que indique os eventos e actividades chave que decorrem durante o ano.
3. Pedir às pessoas para listarem épocas, eventos condições, etc., e os organizarem ao longo do eixo vertical. A Lista deve incluir:
  - ♦ Feriados e festivais
  - ♦ Épocas de plantio e colheita
  - ♦ Períodos de escassez alimentar
  - ♦ Períodos de migração
  - ♦ Ocorrência de perigos/desastres tais como ciclones, secas e cheias
  - ♦ Ocorrência de doenças sazonais, etc.
4. Depois dos eventos chave estarem listados, introduzir na tabela quando ocorrem mediante consenso entre os participantes. O anotador deve tomar nota de qualquer evento cuja ocorrência os participantes tenham dificuldade em decidir.

EVENTS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
DRY SEASON												
GARDENING	X	X	X									
Land Preparation												
Building & Plastering of Houses				X								
Trading	X	X	X	X								
Festivals (Samanpiel)	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X
Funerals		X	X	X								
Wet season / Early Rains				X	X	X	X	X	X	X	X	X
Planting					X	X						X
Harvesting and storage								X	X	X		
FUEL WOOD collection	X											
LOCAL industrial activities (Sheabutter, bawadawa, pito brewing, Weaving)	X	X	X									

O resultado do um exercício sobre Calendário Sazonal com um grupo de mulheres na Aldeia de Zaago, na Região do Alto Este no Gana.

©CARE/Angie Dazé/2007

## ***Aprendizagem e Discussão***

Depois do calendário estar completo, fazer as perguntas seguintes aos membros do grupo:

- Quais são as estratégias de subsistência mais importantes usadas em diferentes momentos do ano?
- Quais são as estratégias actuais para enfrentar os períodos difíceis? Estão a funcionar?
- Existem diferenças na ocorrência de épocas e eventos em comparação com há 10/20/30 atrás?
- As estratégias de subsistência/enfrentar perigos mudaram com base nas mudanças nas épocas ou eventos?
- Como é que as decisões sobre o momento de intervenção das estratégias de subsistência são tomadas?

## ***Comunicar a Mudança Climática***

Ao discutir as estratégias para enfrentar perigos e as mudanças, pode surgir a oportunidade de analisar se as estratégias para enfrentar perigos actuais estão a funcionar no contexto do ambiente em mudança e/ou para identificar estratégias inovadoras que surgiram como resultado das mudanças. Pode fornecer uma abertura para discutir a necessidade de estratégias novas no contexto da mudança climática, e introduzir o conceito de adaptação.

O anotador deve transcrever cuidadosamente os pontos chave da discussão.

ADAPTADO DE:

***Community-Based Disaster Risk Management Field Practitioners' Handbook***, Imelda Abarquez & Zubair Murshed, Asian Disaster Preparedness Center (2004). <http://www.adpc.net/PDR-SEA/publications/12Handbk.pdf>

***Make that change: community-based disaster management***, International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies (undated).

[http://www.proventionconsortium.org/themes/default/pdfs/CRA/IFRC2003\\_meth.pdf](http://www.proventionconsortium.org/themes/default/pdfs/CRA/IFRC2003_meth.pdf)

## GUIA DE CAMPO 4: Barra Cronológica Histórica

### Objectivos

- Compreender os perigos passados, mudanças na sua natureza, intensidade e comportamento
- Consciencializar as pessoas sobre tendências e alterações ao longo do tempo
- Avaliar a extensão da análise de riscos, planificação e investimento para o futuro

### Como Facilitar

Esta actividade terá a duração aproximada de 1 hora e 15 minutos incluindo a discussão: 45 minutos para a barra cronológica história e 30 minutos para a discussão.

1. O facilitador deve consultar o grupo para decidir sobre o formato de tabela ou gráfico.
2. Perguntar às pessoas se se lembram de eventos maiores na comunidade como por exemplo:
  - ♦ perigos e os seus efeitos
  - ♦ mudanças no uso da terra (culturas, cobertura florestal, casas, etc.)
  - ♦ mudanças na posse de terra
  - ♦ mudanças na segurança alimentar e nutrição
  - ♦ mudanças na administração e organização
  - ♦ eventos políticos principais

3. O facilitador pode escrever as histórias num quadro ou em folhas de papel grandes por ordem cronológica.

4. Relembrar periodicamente os eventos já identificados para ajudar os informantes a preencherem as lacunas. Focar os eventos chave. NOTA: Ter em mente que pode haver parcialidade na barra cronológica pois os eventos mais recentes serão identificados primeiro.

CHRONOLOGIE HISTORIQUE KOUGGOU HOMME	
ANNEE	EVENEMENTS
2004-2005	Secheresse et Famine: "Sayim Aki", Chikaral Tchiyawo
2002	Fonçage du puits cimenté du village
1999	- Installation sur le site actuel du village - Création de l'école
1995	Délimitation des frontières du village
1984/1985	Secheresse et Famine Distribution gratuite de vivres "Karakawo"
1973	Secheresse avec perte massive d'animaux: "Kakabawo"
1965	Secheresse & Famine: "Taballé" Arrivée du colon "Maiboujé"
	Création du village de Kouggo

Perfil Histórico para a Aldeia de Kouggo no Departamento de Dakoro no Níger. O perfil foi criado por um grupo de homens, e mostra eventos tais como fome, a construção de um poço e o esboço dos limites/fronteiras? da aldeia.

©CARE/Angie Dazé/2007



## ***Perguntas para Discussão***

Depois da barra cronológica estar completa, fazer as perguntas seguintes aos membros do grupo:

- Existem tendências ou alterações na frequência dos eventos ao longo do tempo?
- Quais são as estratégias actuais para enfrentar os eventos difíceis? Estão a funcionar?
- As estratégias para enfrentar os perigos mudaram com base na frequência dos eventos?
- Que eventos estão previstos para o futuro? Quando?
- Esta percepção do futuro afecta os seus planos futuros?

## ***Comunicar a Mudança Climática***

Discutir tendências ou alterações na frequência dos eventos é uma oportunidade excelente para validar observações da comunidade que estão em linha com os dados climáticos. Focar a discussão no futuro pode ajudar a compreender as aspirações da comunidade e extensão de planificação para o futuro. Oferece também uma abertura para facilitar a comunicação de informação disponível sobre tendências futuras previstas. O anotador deve transcrever cuidadosamente os pontos-chave da discussão.

ADAPTED FROM:

***Community-Based Disaster Risk Management Field Practitioners' Handbook***, Imelda Abarquez and Zubair Murshed, Asian Disaster Preparedness Center (2004). <http://www.adpc.net/PDR-SEA/publications/12Handbk.pdf>

## A DE CAMPO 5: Matriz de Vulnerabilidade

### Objectivos

- Determinar os perigos que têm um impacto mais sério em recursos de subsistência importantes
- Determinar os recursos de subsistência mais vulneráveis
- Identificar estratégias usadas actualmente para enfrentar os perigos identificados

### Como Facilitar

Esta actividade terá a duração aproximada de 1 hora e 30 minutos incluindo a discussão: 45 minutos para a matriz e 45 minutos para a discussão.

1. Preparar a matriz com antecedência. Isto pode ser feito na areia ou num quadro de folhas móveis (flipchart).
2. Pedir ao grupo para identificar os seus recursos de subsistência mais importantes. Não têm de ser recursos que eles têm actualmente, mas os que consideram mais importantes para o seu bem-estar. Podem fazer uma lista de recursos longa. Pode ser preciso organizar a lista com base em categorias de recursos diferentes – humanos, sociais, físicos, naturais e financeiros.
3. Pedir ao grupo para identificar os quatro recursos que consideram MAIS importantes para o seu bem-estar. Listar estes recursos prioritários no lado esquerdo da matriz na vertical. Utilizar símbolos se ajudar os participantes a compreenderem melhor.
4. Em seguida, pedir ao grupo para identificar os maiores perigos para a sua subsistência. Os perigos podem ser naturais ou criados pelo homem. Não limitar a discussão a apenas perigos relacionados com o clima, mas pode querer estimular o grupo se não estiverem a identificar perigos ambientais.

Bansi ♀	human disease	animal disease	drought	floods*	erratic rain*
animals	2	3	3	3	
food* reserves	3	3	2	3	1
well-fed ♀ + children	3	3	3	2	3
kids going to school* (clothes, shoes)	3	2	2	3	2
♀ engaged in income gen*	3	2	1	2	2

Um exemplo de Matriz de Vulnerabilidade de um grupo de mulheres na Aldeia de Bansi no Distrito de Bawku no Norte do Gana.

©CARE/Angie Dazé/2007

**NOTA:** É importante que sejam específicos sobre os perigos, e garantir que as questões identificadas são realmente perigos. Os participantes podem identificar condições tais como “insegurança alimentar” como perigos. Cabe ao facilitador pedir ao grupo para decompor estas condições para determinar se são causadas por perigos (por exemplo, a insegurança alimentar pode resultar de uma seca, que é um perigo). De modo semelhante, alguns grupos podem identificar a escassez de recursos, tais como “falta de dinheiro”, como um perigo.

Neste caso, é necessário determinar se a escassez do recurso é o resultado de um perigo, ou em alguns casos, se o recurso deve ser adicionado à lista de recursos prioritários identificados no passo anterior.

- Os quatro perigos mais importantes devem ser listados horizontalmente no topo da matriz, usando símbolos caso necessário.
- Pedir à comunidade para decidir sobre um sistema de pontuação para os perigos face aos recursos de subsistência, identificando significativo, médio, baixo ou nenhum perigo. O sistema de pontuação deve ser o seguinte:

3 = impacto significativo no recurso

2 = impacto médio no recurso

1 = impacto baixo no recurso

0 = nenhum impacto no recurso

Pode usar pedras, símbolos ou cores de marcadores diferentes (por exemplo, vermelho = risco significativo para o recurso, cor-de-laranja = risco médio, verde = risco baixo, azul = nenhum risco). Garantir que todos os membros do grupo entendem o sistema de pontuação.

- Pedir aos participantes para decidirem sobre o grau de impacto de cada um dos perigos em cada um dos recursos. Isto envolve chegar a consenso como grupo. O anotador deve tomar nota dos pontos de discussão principais que levaram à pontuação e de qualquer desacordo sobre as pontuações.

### ***Perguntas para Discussão***

Depois da matriz estar completa, fazer as perguntas seguintes aos membros do grupo:

- Que estratégias estão a usar actualmente para enfrentar os perigos identificados? Estão a funcionar?
- Gostaria de adoptar estratégias diferentes para reduzir o impacto dos perigos nos seus meios de subsistência?
- Que recursos têm que poderiam ajudar na adopção dessas estratégias novas?
- Quais são as limitações para a adopção dessas estratégias novas?

O anotador deve transcrever cuidadosamente os pontos-chave da discussão.

# GUIA DE CAMPO 6: Venn

## **Objectivos**

- Compreender as instituições que são mais importantes para as comunidades
- Analisar o envolvimento de diferentes grupos nos processos de planificação locais
- Avaliar o acesso a serviços e a disponibilidade de redes de segurança sociais

## **Como facilitar**

Esta actividade terá a duração aproximada de 1 hora e 30 minutos incluindo discussão: 1 hora para o programa e 30 minutos para a discussão. Existem várias formas de fazer o Diagrama Venn.

1. Pode desenhar e escrever com um pau em areia ou pode trabalhar em papel. Se optar por usar papel, as pessoas devem usar primeiro um lápis para poderem fazer alterações.
2. Outra opção é cortar círculos de tamanhos diferentes de papel colorido e deixar os participantes decidirem qual o círculo que representa as diferentes instituições. Se as pessoas tiverem dificuldade em compreender esta ferramenta, pode ser útil desenhar-lhes um exemplo simples.
3. Perguntar aos participantes que organizações/instituições/grupos existem na aldeia e que outras de fora estão a trabalhar com eles. Encoraja-os também a pensar sobre grupos informais e organizações de base comunitária.
4. Escreva o nome de todas as organizações mencionadas e atribua um símbolo a cada organização que todos possam entender.
5. Pedir aos participantes para desenharem um círculo grande no centro do papel ou na areia que os representa a eles.
6. Pedir aos participantes que discutam para cada organização, como é que essa organização é importante para eles. As mais importantes são depois desenhadas como um círculo grande e as menos importantes como círculos mais pequenos. Pedir aos participantes para compararem os tamanhos dos círculos e para os ajustarem para que os tamanhos dos círculos representem a importância relativa da instituição, organização ou grupo.
7. Todas as organizações/grupos devem ser marcados com o nome ou símbolo.
8. Pedir aos participantes que discutam como beneficiam das diferentes organizações.
9. O anotador deve transcrever a discussão, tomando nota de porquê é que as diferentes organizações são consideradas importantes ou menos importantes.
10. Pedir aos participantes que indiquem o grau de contacto/cooperação entre eles e as instituições através da distância entre os círculos. As instituições com as quais não têm muito contacto devem estar longo do círculo grande que os representa. As instituições que estão em contacto próximo com os participantes e com as quais cooperam mais, devem estar dentro do seu círculo.

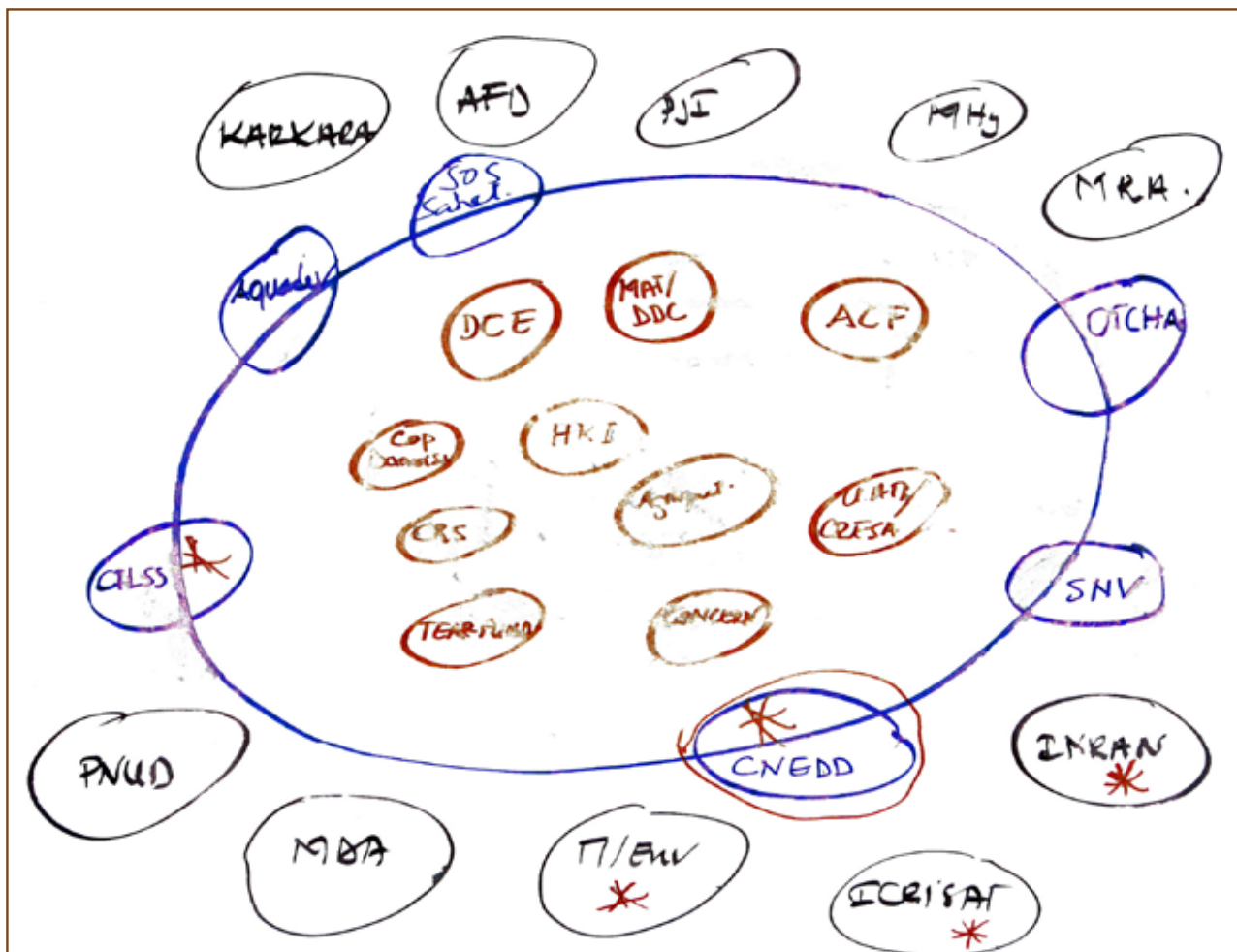
## **Perguntas para Discussão**

Depois do diagrama estar completo, fazer as perguntas seguintes aos membros do grupo:

- Alguma das organizações indicadas está apenas aberta a membros do sexo masculino ou feminino? Oferecem serviços apenas a homens ou a mulheres?
- Existem outros grupos que estão excluídos de ser membros ou dos serviços para as organizações identificadas?
- Alguma das organizações oferece apoio em momentos de crise?
- Como recebe informação das diferentes organizações?
- Como comunica informação às diferentes organizações?

O anotador deve transcrever cuidadosamente os pontos-chave da discussão.





©CARE/Angie Dazé/2007

Um Diagrama de Venn para o Níger, criado como parte do exercício de treinamento VCAC. O exemplo mostra ONGs nacionais e internacionais bem como organizações governamentais que são relevantes na perspectiva da mudança climática.

ADAPTADO DE:

**PRA Toolbox**, Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO).

<http://www.fao.org/docrep/003/x5996e/x5996e06.htm>

**Make that change: community-based disaster management**, International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies (sem data).

[http://www.proventionconsortium.org/themes/default/pdfs/CRA/IFRC2003\\_meth.pdf](http://www.proventionconsortium.org/themes/default/pdfs/CRA/IFRC2003_meth.pdf)





[www.careclimatechange.org](http://www.careclimatechange.org)

